



COMBATE

À

**MENTALIDADE
TERRORISTA**



AGENDA DE POLÍTICA EXTERNA

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS



Agenda de Política Externa: Volume 12, Número 5

Redator-chefe	George Clack
Editor executivo	Richard W. Huckaby
Editora gerente	Rebecca Ford Mitchell
Gerente de produção	Christian Larson
Assistente de gerente de produção	Chloe D. Ellis
Produtora WEB	Janine Perry
Editora de cópias	Kathleen Hug
Editora de fotografia	Maggie J. Sliker
Ilustração da capa	Thaddeus Miksinski
Especialistas em referências	Sam Anderson Anita Green Vivian Stahl
Editores Colaboradores	Chandley McDonald David McKeeby Mildred S. Neely
Revisora de português	Marília Araújo
Conselho editorial	Jeremy F. Curtin Janet E. Garvey Jonathan Margolis Charles N. Silver

FOTO DA CAPA: Mulher chora ao ver fotos de crianças mortas no ano anterior durante o cerco a escola me Beslan, Rússia
Dmitry Lovetsky/©AP Images

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica cinco revistas eletrônicas com o logo *eJournal USA* — Perspectivas Econômicas, Questões Globais, Questões de Democracia, Sociedade e Valores e Agenda de Política Externa — que analisam as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, bem como a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

A cada mês é publicada uma revista nova em inglês, seguida pelas versões em francês, português, espanhol e russo. Algumas também são traduzidas para o árabe, o chinês, o persa e outros idiomas, conforme necessário. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos Estados Unidos. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

O Bureau de Programas de Informações Internacionais mantém os números atuais e os anteriores em vários formatos eletrônicos, bem como uma relação das próximas revistas em <http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>. Comentários são bem-vindos na embaixada dos EUA em seu país ou nos escritórios editoriais:

Editor, *eJournal USA*
IIP/PUBS
U.S. Department of State
301 4th Street S.W.
Washington, D.C. 20547
United States of America
E-mail: eJournalUSA@state.gov

Sobre Esta Edição

A capa desta edição da *eJournal USA* capta o horror estampado no rosto de uma mulher de nacionalidade russa ao ver fotos de crianças mortas no atentado terrorista em uma escola na cidade de Beslan, na Rússia, em 2004. Cerca de 330 pessoas, das quais mais da metade eram crianças, morreram quando terroristas chechenos, em oposição ao governo russo, mantiveram 1.200 reféns ao invadir a escola e armá-la com explosivos.

A face da mulher registra a reação universal a essa terrível violência generalizada — angústia, choque, incompreensão. Como John Morgan, do Centro de Estudos sobre Terrorismo e Violência Política da Universidade de St. Andrews, escreve nesta edição, a reação mais comum às atrocidades terroristas é de perplexa repugnância: "Como alguém pôde fazer isso?" E, claro, há uma segunda pergunta a ser feita: O que pode ser feito para impedir a ação das redes recrutadoras de pessoas que se transformam em terroristas e realizam tais atos?

Para dar algumas respostas a essas perguntas e analisar de maneira abrangente o complexo problema do terrorismo global, os editores da *eJournal USA* convidaram vários dos principais estudiosos mundiais nessa área a analisar as motivações daqueles que cometem atentados terroristas e as técnicas usadas por organizações terroristas como a Al Qaeda para recrutar e motivar os terroristas.

Em nossa entrevista de abertura, a cineasta premiada Sharmeen Obaid-Chinoy descreve os efeitos do terrorismo sobre as crianças afegãs refugiadas. Outros artigos inserem o fenômeno em um contexto histórico, analisam como os terroristas são psicologicamente capazes de justificar o assassinato de inocentes e descrevem como eles usam técnicas teatrais e de mídia para manipular o público e divulgar sua mensagem. Vários estudos de caso analisam o recrutamento de homens-bomba no Iraque e traçam o perfil de mulheres que se tornam terroristas. Concluimos com um artigo do especialista australiano em contraterrorismo David Kilcullen, que identifica o terrorismo como uma nova espécie de ameaça que exige novos paradigmas para o desenvolvimento de estratégias para combatê-la.

É somente por meio da compreensão da mentalidade terrorista que as sociedades civis podem ter esperança de combater as táticas terroristas de maneira eficaz.

—Os Editores



Agenda de Política Externa

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / MAIO 2007 / VOLUME 12 / NÚMERO 5

<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>

Combate à Mentalidade Terrorista

4 Crianças e Terrorismo

ENTREVISTA COM SHARMEEN OBAID-CHINYO, CINEASTA VENCEDORA DE VÁRIOS PRÊMIOS INTERNACIONAIS POR SEUS DOCUMENTÁRIOS SOBRE O PAQUISTÃO

Obaid-Chinoy descreve as perdas sofridas pelas crianças quando a sociedade em que vivem é destruída pelo terrorismo, bem como sua subsequente vulnerabilidade ao extremismo.

8 Uma Forma de Guerra Psicológica

BRUCE HOFFMAN, PROFESSOR DA ESCOLA DE RELAÇÕES EXTERIORES EDMUND A. WALSH DA UNIVERSIDADE DE GEORGETOWN E MEMBRO SÊNIOR DO CENTRO DE COMBATE AO TERRORISMO DA ACADEMIA MILITAR DOS EUA EM WEST POINT

O objetivo do terrorismo é produzir efeitos psicológicos que vão além de suas vítimas imediatas, intimidando ou afetando o comportamento de um público muito maior.

12 Identidade Coletiva: Ódio no Sangue

JERROLD POST, DIRETOR DO PROGRAMA DE PSICOLOGIA POLÍTICA DA UNIVERSIDADE GEORGE WASHINGTON

A mais poderosa lente através da qual se pode compreender o comportamento terrorista é a psicologia organizacional, social e de grupo, com ênfase na identidade coletiva.

16 Mulheres Vítimas e Agressoras

MIA BLOOM, PROFESSORA ASSISTENTE NA ESCOLA DE ASSUNTOS PÚBLICOS E INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE DA GEÓRGIA

Embora participem de movimentos terroristas há muito tempo, atualmente as mulheres estão trocando suas funções de apoio por funções operacionais mais ativas, inclusive as de mulher-bomba.

20 Breve História do Terrorismo

WALTER LAQUEUR, EMINENTE ACADÊMICO APOSENTADO, ASSESSOR E ESPECIALISTA AFILIADO DO CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS E INTERNACIONAIS

Um dos maiores especialistas em terrorismo descreve o contexto histórico para o fenômeno do terrorismo contemporâneo.

24 De Perfis a Caminhos: a Estrada para o Recrutamento

JOHN HORGAN, PESQUISADOR SÊNIOR DO CENTRO DE ESTUDOS SOBRE TERRORISMO E VIOLÊNCIA POLÍTICA E PROFESSOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE DE ST. ANDREWS, ESCÓCIA

Com *tantas* pessoas expostas às condições que supostamente geram o terrorismo, por que será que tão poucas são de fato recrutadas?

28 Teatro da Mídia de Massa

GABRIEL WEIMANN, PROFESSOR DE COMUNICAÇÕES NA UNIVERSIDADE DE HAIFA E PROFESSOR VISITANTE NA ESCOLA DE ESTUDOS INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE AMERICANA

O terrorismo moderno pode ser compreendido em termos das mesmas exigências de produção de qualquer empreendimento teatral: cuidados meticulosos com a preparação do roteiro, seleção do elenco, cenários, acessórios, representação e direção de cena minuto a minuto.

33 Estudo de Caso: a Mitologia do Martírio no Iraque

MOHAMMED HAFEZ, PROFESSOR VISITANTE DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA DA UNIVERSIDADE DE MISSOURI

Por meio de videoclipes e biografias on-line de homens e mulheres-bomba, os jihadistas do Iraque exploram temas como humilhação, conluio e redenção para demonizar os inimigos e motivar seus quadros a fazer sacrifícios “heróicos”. Esses elementos emotivos têm o objetivo de angariar apoio, não apenas de um círculo reduzido de militantes, mas também do público muçulmano de maneira geral.

40 Novos Paradigmas para o Conflito do Século 21

DAVID KILCULLEN, ASSESSOR SÊNIOR CONTRA INSURGÊNCIAS DA FORÇA MULTINACIONAL-IRAQUE E EX-ESTRATEGISTA PRINCIPAL DA COORDENADORIA DE CONTRATERRORISMO DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA

Se a confrontação com o terrorismo baseia-se em tendências há muito existentes, conclui-se que será uma luta longa, de toda uma geração ou de muitas gerações. Portanto, precisamos de uma estratégia global que possa ser apoiada pelo povo americano, por sucessivos governos dos EUA, pelos principais aliados e por parceiros do mundo todo.

47 Avaliação Estratégica do Progresso Contra a Ameaça Terrorista

COORDENADORIA DE CONTRATERRORISMO DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA

No conflito entre a comunidade mundial e os terroristas transnacionais, os esforços de cooperação internacional produziram verdadeiras melhoras na área da segurança. Mas apesar do progresso inegável, ainda restam grandes desafios.

51 Quadro - Terrorismo em 2006: Dados Estatísticos dos Relatórios sobre Terrorismo por País 2006 do Departamento de Estado dos EUA.

52 Bibliografia

54 Sites na internet



Vídeo

Terrorismo: Guerra sem Fronteiras
(Fonte: Departamento de Estado dos EUA)

<http://usinfo.state.gov/journals/itps/0507/ijpe/ijpe0507.htm>

Crianças e Terrorismo

Entrevista com Sharmeen Obaid-Chinoy

Sharmeen Obaid-Chinoy, jornalista e cineasta, recebeu vários prêmios internacionais por seus documentários e foi a primeira estrangeira a receber o honroso Prêmio Livingston de reportagem concedido pelos EUA a profissionais da mídia com idade inferior a 35 anos. Chinoy fez mestrado em estudos de política internacional e em comunicação na Universidade de Stanford na Califórnia.

P: Seu filme *Children of Terror* [Crianças do Terror] concentrou-se em jovens afegãos refugiados em seu país de origem, o Paquistão. Por que você os escolheu como tema de documentário?

R: Passei 10 semanas vivendo com essas crianças em um acampamento de refugiados, em Karachi, e logo percebi que suas experiências eram muito diferentes das vividas pela maioria das crianças do Paquistão. Era evidente que essas crianças foram muito afetadas pela violência no meio em que cresceram e isso influenciará o tipo de adulto que se tornarão. Senti que sua história precisava ser contada.

P: O que você pode nos dizer sobre as perdas cumulativas sofridas pelas crianças em sociedades onde as estruturas familiar e social foram destruídas pela violência terrorista?

R: O terrorismo intencionalmente cria insegurança e medo. Ele arruína de forma deliberada a estrutura social de uma sociedade, ignorando as leis humanitárias comuns — diante disso, muitas pessoas com condições educacionais e culturais deixam o lugar, e os que permanecem tentam viver em meio à violência, em espiral econômica decrescente. Famílias são destruídas e a inocência das crianças é roubada. As perdas sofridas são materiais, sociais e emocionais.

Por terem crescido em meio à violência, os meninos que conheci no acampamento tinham mais familiaridade com armas Kalishnikovs e APC do que com o seu alfabeto. Eles falaram sobre o medo que sentiam — à noite, quando não podiam dormir por causa de explosões de bombas e tiroteios; de serem feridos ao sair de suas casas durante o dia; e de serem recrutados à força ou abordados por uma milícia local.

Quando uma geração cresce sob esse tipo de violência e



©2007 SharmeenObaidfilms.com
Uma consequência desastrosa do terrorismo é forçar crianças a assumir responsabilidades de adultos, como torná-las provedoras de suas famílias. Esses meninos afegãos encontraram trabalho como tecelões infantis de tapetes, no Paquistão

medo, ela é privada de educação e conhecimento sobre sua verdadeira cultura. As crianças são obrigadas a se defender sozinhas nas ruas — muitas vezes, saindo para catar lixo em busca de comida ou para trabalhar em atividades perigosas por dinheiro. Elas são tratadas como adultos, e não como crianças. Esse é um dos feitos dos perpetradores da violência aleatória: eles criam um ambiente no qual as crianças não podem se comportar como crianças e, em vez disso, são forçadas a assumir responsabilidades de adultos.

A maioria dos meninos com quem conversei nunca tinha passado muito tempo com seus pais ou irmãos mais velhos porque eles, os adultos do sexo masculino, tinham morrido ou há muito tinham ido embora. Então, esses meninos eram praticamente os "homens" da casa, responsáveis pelo sustento e pela proteção das mulheres da família. Eles aprenderam a usar uma arma aos 6 anos ou 7 anos e, aos 14 ou 15 anos, já estavam prontos para deixar a casa e lutar.

É assim que os terroristas garantem o suprimento permanente de aliciados — criando uma sociedade inviável e oferecendo, depois, uma única alternativa — que eles evidentemente controlam com a violência, a intimidação e a manipulação. Valem-se das calamidades, tanto as naturais

como as que criaram, para oferecer ajuda aos necessitados, mas enredando-os em uma armadilha.

P: Como é feito o aliciamento?

R: As crianças são recrutas ideais para os terroristas porque não têm a capacidade de questionar as razões dos adultos, são facilmente dominadas por apelos às emoções e podem ser rapidamente convencidas a executar qualquer trabalho que lhes seja solicitado.

Décadas antes do início da "Jihad" no mundo muçulmano, as crianças soldados eram recrutadas na África e na América do Sul. Nessas guerras, as crianças provaram não ter medo. Afinal, os estudos nos dizem que os jovens são impulsivos e inclinados a correr riscos. Seu desenvolvimento mental é bastante imaturo para julgar sua capacidade de lidar com as situações de forma adequada ou avaliar a possibilidade de tragédias.

Todo pai sabe que as crianças, ignorando como suas ações podem afetar a si próprias e aos outros, freqüentemente tomam decisões imaturas. Essa

é a razão pela qual as crianças podem ser e são repetidamente exploradas pelas pessoas. É exatamente por isso que as crianças precisam receber educação, para serem capazes de refletir sobre problemas, avaliar conseqüências e desenvolver o entendimento.

No mundo muçulmano, muitas crianças estão sendo manipuladas pelo simples fato de serem forçadas a estar nas ruas. Elas precisam conseguir comida e dinheiro, seja lá como for. Se forem meninos, é provável que lhes ofereçam um lugar em uma escola religiosa onde receberão alimento e educação — mas o que lhes é ensinado pode ser uma ideologia fundamentalista, intolerante com os outros e até com aqueles que praticam o mesmo credo mas de maneira diferente e que considera o ocidente e seus métodos como um inimigo a ser derrotado.

Essas crianças estão sendo enganadas ou coagidas a se unirem à Jihad e são recrutadas exatamente porque sua pouca idade pode ser explorada: não reconhecidas de imediato como ameaça, elas podem circular dentro e fora de áreas altamente seguras enquanto jogam futebol nas ruas. Elas são o disfarce perfeito para os terroristas — tão ingênuas que não têm idéia clara do que se espera delas até ser tarde demais.

Ao contrário do que possa pensar o Ocidente, os terroristas estão obtendo mais êxito no aliciamento de jovens muçulmanos do sexo masculino e, pior ainda, de mulheres jovens para a sua causa. Uma das principais razões dessa vitória é o sucesso em manter grande parte do mundo islâmico carente de educação e fechado a idéias novas.



Estes jovens soldados de um grupo rebelde do Congo estão entre as centenas e milhares de crianças com menos de 18 anos que são recrutadas para lutar no mundo todo

Karel Prinsloo/AP Images

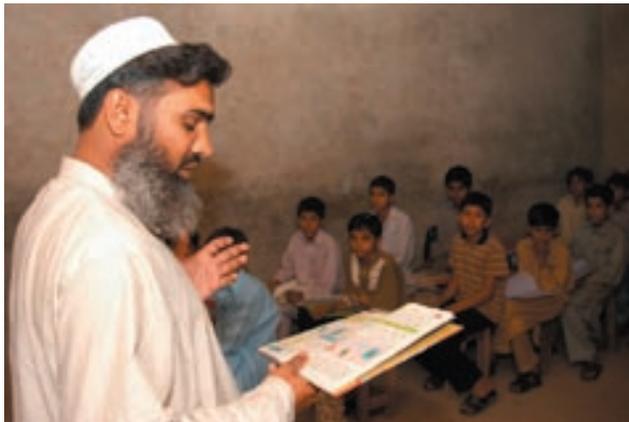
P: E os pais dessas crianças?

R: A reação dos pais pode ser surpreendente. A pobreza e o analfabetismo são de fundamental importância na determinação de suas crenças. No sudeste do Afeganistão, muitas famílias entrevistadas por mim estavam orgulhosas por seus filhos — alguns com menos de 15 anos — terem glorificado

o nome do Islã com o "ataque ao inimigo". Esses meninos em particular pertenciam a famílias numerosas; alguns tinham dez irmãos. Seus pais eram pobres e não podiam mantê-los, assim foram enviados a escolas islâmicas distantes, no Paquistão. Os pais já quase não os conheciam.

Como disse antes, muitos adultos do sexo masculino tinham ido embora, e muitas vezes as mulheres e suas filhas, a quem sempre foi negada a educação, não tinham permissão para trabalhar fora de casa. Se tivessem oportunidade de escolher entre escola, alimentação e vestuário ou catar lixo para se sustentar... bem, às vezes não há escolha.

Essa é uma das razões pelas quais os terroristas têm tanto sucesso em convencer meninos a se unir a eles e a assumir seus pontos de vista, pois eles não têm um sistema de apoio para voltar atrás ou pais que os orientem; estão freqüentemente



Khalid Tanveer/©AP Images

Professor em escola do Paquistão ligada à Al Qaeda

sob grande pressão de seus pares para que se alistem, para participar de algo mais organizado que as ruas, por uma chance de agregar algum tipo de glória ou redimir sua honra.

Ao mesmo tempo, os pais pobres recebem recompensas econômicas pelo sacrifício de seus filhos terroristas suicidas e passagens selecionadas do Alcorão — sem nenhum contexto apropriado — que mostram que seus filhos morreram seguindo as orientações do Profeta. As mulheres solitárias, especialmente, às vezes ganham um status social diferenciado na comunidade, além de apoio financeiro, por serem mães de mártires.

A atitude com as mulheres, a educação, a pobreza, a violência constante e o medo... tudo isso torna a situação muito complicada.

P: Fale-nos um pouco sobre algumas crianças do seu filme — em especial do menino sério que a acompanha à piscina pública, daquele menino gentil que trabalhava em uma fábrica de tapetes e da menina inteligente e espirituosa que não queria se casar.

R: Khal Mohammed tinha 11 anos, não tinha família no acampamento e esteve em uma escola fundamentalista. Embora não soubesse ler, ele memorizou todos os versos do Alcorão, uma grande proeza. Entretanto, era um garoto inflexível, e quando fomos à piscina pública, onde as mulheres estavam inteiramente cobertas — com exceção dos rostos, das mãos e dos pés —, ele insistiu que elas não só eram "más", mas que ele iria para o inferno só por estar entre essas pessoas que agiam "de forma imoral" durante seu lazer de fim de semana.

Noor Mohammed tinha 10 anos e era o único responsável pela manutenção da sua família, tarefa que

realizava com o trabalho árduo e perigoso da confecção de tapetes. Outra criança inteligente, falava com melancolia da sua vida antes de seu pai e sua tia serem assassinados e que poderia estar na escola se eles ainda estivessem vivos. Durante a realização do filme, ele perdeu o emprego por chegar atrasado ao trabalho — lá, onde muitos meninos ansiavam por tomar seu lugar —, porque foi ver o irmão mais velho, viciado em drogas, que estava no hospital.

Laila, também com 10 anos, disse repetidas vezes que não queria se casar e que em vez disso queria estudar, embora seu pai a repreendesse gentilmente, explicando que ela ficaria noiva em breve porque, como estava ficando mais velha, precisava de um homem para protegê-la. Na verdade, o principal jogo para meninas no acampamento era brincar de "casar".

As meninas são particularmente vulneráveis ao aliciamento à ideologia extremista porque são poucas as outras opções oferecidas a elas. Em países como o Paquistão, as escolas religiosas fundamentalistas já estão sutilmente induzindo as jovens, acreditando que, ao doutriná-las, serão capazes de controlar toda a família. Uma mulher vai da mesquita para casa, educa seus filhos e conversa com seus vizinhos, e dessa forma a ideologia se desenvolve e cresce. Esse é o primeiro passo para formar a militância feminina.

Já se vê o próximo passo. Recentemente em Islamabad, um grupo de mulheres empunhando pedaços de pau exigia o fechamento das lojas de vídeo e a eliminação das lojas de música. Elas invadiram uma casa, por julgarem que lá as pessoas se comportavam de forma imoral, e seqüestraram a moradora. Algumas dessas militantes femininas que condenavam outras pessoas mal tinham 15 anos de idade. Essa é a eficiência dos proponentes da ideologia fundamentalista. Hoje elas dão uma batida inesperada em uma casa para atacar uma companheira muçulmana "imoral"; amanhã poderão perfeitamente amarrar bombas ao corpo e tornar-se mulheres-bomba contra "inféis".

Além disso, muitas mulheres muçulmanas bem-educadas, nascidas no ocidente, são susceptíveis ao aliciamento. Eu escrevi um artigo que fala das escolas religiosas muçulmanas em Mississauga, Canadá. Lá, as jovens canadenses muçulmanas são ensinadas a se afastar do mundo ocidental em que vivem. A essas mulheres, doutrinadas para cobrir seus rostos e aderir à segregação sexual, é constantemente dito que seus irmãos muçulmanos estão morrendo em batalhas para defender sua honra, assim os homens ocidentais não serão capazes de lhes "profanar". De forma irônica, elas rejeitam o verdadeiro sistema político que lhes concede as escolhas que hoje desfrutam. Esse é um problema difícil,

porque em sociedades como a canadense e a americana, nas quais o multiculturalismo e a liberdade de religião não são apenas estimuladas, mas um alicerce da crença social, muitas pessoas não questionam os ensinamentos praticados nas escolas religiosas. É uma crença básica que as mulheres têm direito à educação e direito de professar os credos de sua fé. Infelizmente, a essas mulheres empoderadas está sendo ensinada uma interpretação bastante extrema do islamismo, uma interpretação em conflito direto com a sociedade em que crescem e contra a qual elas e seus filhos estarão propensos a se chocar no futuro.

P: Que futuro terão essas crianças?

R: Segundo estimativas, mais de 50% da população do mundo muçulmano tem idade abaixo de 18 anos, uma demografia assustadora, uma vez que a maioria desses jovens tem pouco ou nenhum acesso à educação e ao trabalho. São frustrados pelos governos corruptos que os governam. Eles vêem padrões duplos praticados pelo Ocidente, que insiste em democratizar o Iraque, mas não os vêem em nenhum outro lugar da região. Sabem que o islamismo já foi a base de uma grande cultura e se perguntam o que teria acontecido, pois a sua geração passou apenas por pobreza, guerra, destruição, corrupção e nepotismo. De certa forma, esse problema pode

ser transformado em vantagem: se esses jovens receberem educação e oportunidades condizentes, poderão, em vez disso, ser o motor de mudanças e do avanço econômico.

O verdadeiro islamismo incentiva os muçulmanos a se adaptarem às mudanças dos tempos, mas os fundamentalistas extremistas sempre se opuseram a qualquer novidade, do telégrafo à televisão. Eles se opõem à educação moderna porque, segundo dizem, ela ensina temas que destoam do islamismo. Os muçulmanos com formação acadêmica sabem que isso é uma manobra para impedir a contestação de mentes jovens e ativas.

Isso se torna um círculo vicioso: ao privar deliberadamente os jovens muçulmanos de receber boa educação, os fundamentalistas asseguram que o futuro dos seus possíveis aliciados seja árido e as frustrações resultantes os tornem facilmente susceptíveis à ideologia terrorista. Essa ideologia exige a rejeição violenta a todas as idéias contrárias aos preceitos fundamentalistas e os impede de aprender a importância da liberdade de pensamento e de expressão, que separa idéias lógicas de vieses emocionais, pontos fundamentais das sociedades vibrantes que muitos desejam para seus filhos e que podem ser construídas. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.



Mohammed Raza/©AP Images

Manifestação de estudantes afegãos de uma escola religiosa do Paquistão, em Karachi, Paquistão, em 2006

Uma Forma de Guerra Psicológica

Bruce Hoffman

Bruce Hoffman, PhD, é professor da Escola de Relações Exteriores Edmund A. Walsh da Universidade de Georgetown e membro sênior do Centro de Combate ao Terrorismo da Academia Militar dos EUA em West Point. Este artigo se baseia em parte em material publicado anteriormente no livro do autor, Inside Terrorism [Por Dentro do Terrorismo], 2ª edição (Nova York: Columbia University Press, 2006).

O terrorismo é a criação e a exploração deliberada do medo para obtenção de mudança política. Sendo assim, é uma forma inegável de guerra psicológica.

Embora seus ataques com frequência causem mortes trágicas e ferimentos graves, o objetivo do terrorismo, por natureza, é produzir efeitos psicológicos de longo alcance além da(s) vítima(s) ou do objeto imediato de sua violência. Sua finalidade é instilar o medo interno e assim intimidar ou afetar o comportamento de um público-alvo.

Esse público varia dependendo das metas, das motivações e dos objetivos dos terroristas. Pode incluir um governo nacional ou um partido político, um grupo étnico ou religioso rival, um país inteiro e seus cidadãos ou a opinião internacional. O ataque terrorista pode tanto almejar especificamente um determinado segmento do público ou vários públicos.

A publicidade gerada por um ataque terrorista e a atenção focada nos seus perpetradores são planejadas para dar poder aos terroristas, estimulando um ambiente de medo e intimidação propício à manipulação terrorista. Nesse aspecto, o sucesso do terrorismo é mais bem mensurado não pela métrica aceita da guerra convencional — número de inimigos mortos em batalha, quantidade de ativos militares destruídos ou território geográfico conquistado —, mas por sua capacidade de atrair atenção para os terroristas e sua causa e pelo impacto psicológico e efeitos deletérios que os terroristas esperam causar ao(s) seu(s) público(s)-alvo.

Os terroristas usam violência — ou, igualmente importante, exercitam a ameaça de violência — porque acreditam que somente por meio de ações violentas brutais sua causa pode triunfar e suas metas políticas de longo prazo podem ser conquistadas. As operações são então planejadas deliberadamente para chocar, impressionar e intimidar — garantindo que seus atos sejam suficientemente audaciosos



Tatan Syuffana/©AP Images

Segurança inspeciona bolsa de indonésia em shopping center de Jacarta em agosto de 2003, após atentado à bomba no Hotel Marriott, que matou 13 pessoas e feriu 149

e sangrentos para capturar a atenção da mídia e, por sua vez, também do público e do governo. Dessa forma, ao invés de ser visto como indiscriminado ou insensato, o terrorismo é na verdade uma aplicação deliberada e planejada da violência.

O que querem os terroristas

Embora os objetivos e as motivações dos vários tipos de terroristas — de esquerda e de direita, étnico-nacionalistas e religiosos, de uma só questão e amplamente utópicos — possam ser diferentes, todos eles querem que suas ações gerem o máximo de publicidade e, dessa forma, por meio de intimidação e sujeição, alcancem suas metas.

Um ato terrorista é concebido e executado de tal forma que reflete simultaneamente os objetivos e as motivações de um



John Smock/AP Images

Após alerta de ameaça terrorista em outubro de 2005 que, supostamente, tinha como alvo o metrô da cidade de Nova York, parte do saguão da Penn Station é fechada pela polícia para investigação de um pacote suspeito

determinado grupo terrorista, se enquadra nos seus recursos e capacidades e leva em conta o público visado. As táticas e os alvos de vários movimentos terroristas, bem como as armas que usam, são moldados inevitavelmente pela ideologia de um grupo, sua dinâmica organizacional interna, as personalidades de sua liderança e uma variedade de outros estímulos internos e externos. Por exemplo, terroristas de esquerda do anos 1970, como a Fação do Exército Vermelho, da Alemanha Ocidental, e as Brigadas Vermelhas, da Itália, seqüestraram e assassinaram seletivamente pessoas específicas, as quais acusavam de exploração econômica ou repressão política, para atrair publicidade e estimular a revolução marxista-leninista. Os terroristas contemporâneos, motivados por um imperativo religioso, engajaram-se em atos mais indiscriminados de violência contra uma categoria de alvos muito mais ampla, que inclui não meramente seus inimigos declarados, mas qualquer um que não compartilhe sua fé religiosa, e até pessoas da mesma fé, mas que não compartilhem suas opiniões políticas extremistas e suas concepções teológicas.

O terrorismo, dessa forma, pode ser visto não apenas como um ato violento concebido deliberadamente para atrair atenção, mas, por meio da publicidade que gera, para comunicar uma mensagem. Nas palavras do falecido Frederick Hacker, psiquiatra e autoridade reconhecida em terrorismo, os terroristas procuram "amedrontar e, com isso, dominar e controlar. Eles querem impressionar. Atuam para um público e pedem a participação desse público".¹

A morte e a destruição perpetradas pelo terrorismo são propositalmente destinadas a inculcar o medo e afetar de forma adversa a vida normal e diária pela ameaça à segurança pessoal, dessa forma rompendo o tecido social de um país ao destruir seus negócios e sua vida cultural e a confiança mútua em que a sociedade é baseada. Recusas a visitar shopping centers, a comparecer a eventos esportivos, a ir ao teatro, ao cinema e a concertos ou viajar para o exterior ou mesmo dentro de seu país são reações comuns de medo (conhecidas como "vitimização indireta") geradas pela incerteza de onde e quando ocorrerá o próximo ataque terrorista.

O terrorismo e a mídia

A mídia jornalística moderna, como principal canal de informação sobre terrorismo, desempenha papel vital no problema. De fato, sem a cobertura da mídia, o impacto dos terroristas pode não atingir seu objetivo, ficando estreitamente confinado às vítimas reais e imediatas do ataque, deixando de alcançar um público-alvo mais amplo. Apenas atingindo um público muito maior por meio do medo e do ultraje é que os terroristas podem obter o potencial máximo de influência de que necessitam para efetuar uma mudança política fundamental.

“Terrorismo é teatro”, é a frase que Brian Jenkins tornou famosa em seu importante trabalho de 1974 "International Terrorism: A New Mode of Conflict" [Terrorismo Internacional: Uma Nova Forma de Conflito], que explica como "os ataques terroristas são em geral cuidadosamente coreografados para atrair a atenção da mídia eletrônica e da imprensa internacional".² Com a mesma frequência, a mídia reage a essas "propostas" com uma avidez quase desenfreada, mostrando-se incapaz de ignorar aquilo que outro conhecido analista de terrorismo, J. Bowyer Bell, descreveu com precisão como "um evento (...) moldado especificamente para suas necessidades".³

Nos últimos anos, como resultado da internet, as capacidades de mídia dos terroristas se desenvolveram a tal ponto que eles podem agora controlar todo o processo de

comunicação, determinando conteúdo, contexto e meios nos quais suas mensagens são projetadas para atingir com precisão o público (ou os diversos públicos) que querem alcançar.

As implicações desses desdobramentos são enormes, uma vez que desafiam o monopólio há muito exercido pelos meios de radiodifusão comerciais e estatais sobre a comunicação de massa da mensagem terrorista. Portanto, bem similar às revoluções da informação anteriores — como a invenção da prensa rotativa em meados do século 19 e os avanços das tecnologias dos equipamentos de televisão que tornaram possível a transmissão de eventos em tempo real, nos anos 1960 —, a nova revolução da informação deu imenso poder a grupos terroristas, como a capacidade de moldar e divulgar sua própria mensagem e de forma própria, ignorando os meios de comunicação tradicionais estabelecidos.

O papel da internet

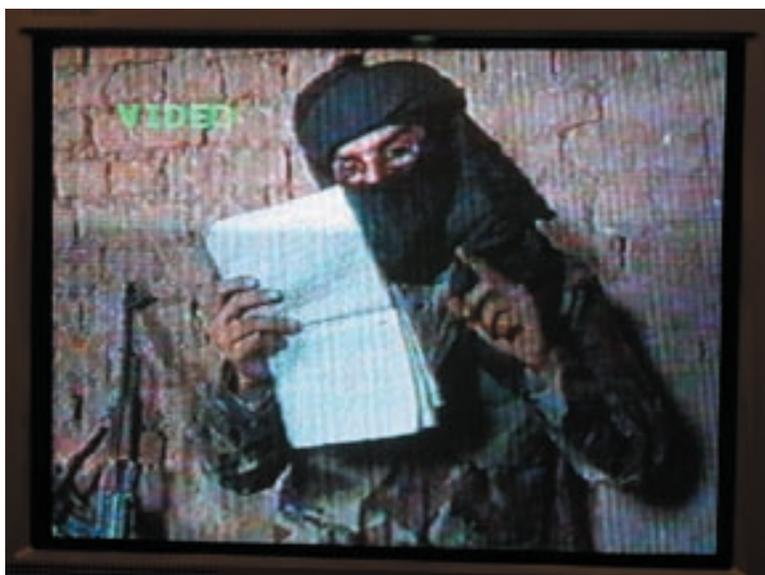
Como Tina Brown, pioneira da mídia pós-moderna, observou com perspicácia em 2005: “A junção da velocidade da internet do século 21 com o fanatismo do século 12 transformou nosso mundo em um barril de pólvora”.⁴

Além da ubiqüidade e da conveniência, a internet oferece outras vantagens: ela pode burlar a censura do governo; mensagens podem ser enviadas anonimamente, com rapidez e quase sem esforço; e é um meio sobretudo econômico de comunicação de massa.

Também permite que os terroristas exerçam o que a

professora Dorothy Denning denominou gestão da percepção⁵ — apresentam-se e retratam seus atos exatamente à luz do contexto que desejam, livres do filtro, da triagem e da interpretação da mídia estabelecida.

"Não é de surpreender que terroristas em rede já tenham começado a influenciar a TI (tecnologia da informação) com a gestão da percepção e a propaganda com o objetivo de influenciar a opinião pública, recrutar novos membros e gerar recursos", observaram dois analistas da RAND Corporation. "Enviar uma mensagem", acrescentaram, "e receber ampla exposição na mídia jornalística são componentes importantes da estratégia terrorista, que tem como finalidade minar a determinação de um oponente. Além dos meios tradicionais, como televisão ou imprensa, a internet agora oferece aos grupos terroristas uma forma alternativa de atingir o público, em geral com muito mais controle direto sobre a mensagem."⁶



B.K. Bangash/AP Images

Neste videoteipe de junho de 2003, um guerrilheiro de língua árabe reivindica para a Al Qaeda a responsabilidade pelos ataques suicidas à bomba na Arábia Saudita e no Marrocos, e adverte sobre novos ataques

Igualmente preocupante é o fato de a internet, antes considerada uma ferramenta de educação e esclarecimento para o mundo, ter se tornado um meio essencial para a disseminação de propaganda terrorista, ódio e incitação à violência — divulgando teorias conspiratórias das mais básicas e grosseiras com uma penetração completamente distanciada da realidade. Por exemplo, a despeito das repetidas reivindicações, por parte da Al Qaeda, da responsabilidade pelos atentados do 11 de setembro de 2001 e da disseminação de vídeoteipes de "martírios" por seqüestradores que discutiam os próximos ataques, sites ligados ao movimento jihadista colocaram no ar com regularidade afirmações de que os Estados Unidos ou Israel promoveram eles próprios os ataques para justificar uma guerra ao terrorismo que foi sempre destinada a ser uma "guerra contra o Islã".

O resultado é que as opiniões mais bizarras e improváveis estão adquirindo uma aparência de verdade e veracidade simplesmente devido à sua repetição e circulação pela internet sem contestação nem moderação.

Um santuário para a Al Qaeda

A Al Qaeda, na verdade, é única entre outros grupos terroristas no que diz respeito a todos esses aspectos de comunicação. Desde sua fundação no final dos anos 1980 e aparecimento no começo dos anos 1990, a liderança da Al Qaeda parece ter intuitivamente compreendido o enorme potencial de comunicação da internet e buscou usar seu poder para avançar os objetivos estratégicos do movimento e facilitar suas operações táticas.

A prioridade que a Al Qaeda há muito dá à comunicação externa é confirmada por sua estrutura organizacional pré-11/9. Um de seus quatro comitês operacionais originais cuidava especificamente da mídia e da publicidade. (Os outros eram responsáveis por operações militares, finanças e negócios, bem como pela fatwa e pelo estudo do Islamismo).⁷

Dizem que especialistas em informática egípcios, que lutaram no Afeganistão ao lado do fundador e líder da Al Qaeda, Osama bin Laden, contra o exército soviético durante os anos 1980, foram recrutados especificamente para criar a extensa rede de sites, e-mails e os boletins eletrônicos que ainda estão funcionando — apesar da expulsão da Al Qaeda do Afeganistão, da destruição de sua base operacional naquele país e da contínua guerra global contra o terrorismo liderada pelos EUA.

Para a Al Qaeda, a internet tornou-se algo como um santuário virtual, fornecendo meios eficazes, rápidos e

anônimos de comunicação com seus combatentes, seguidores, simpatizantes e apoiadores no mundo todo, enquanto segue com sua campanha de guerra psicológica. Portanto, apesar do seu enfraquecimento, a Al Qaeda ainda pode gerar medo, alarme e ansiedade em escala global.

Naturalmente, não se pode prever que novas formas e dimensões o terrorismo assumirá durante o restante do século 21. No entanto, é seguro dizer que, enquanto as comunicações terroristas continuarem a se transformar e desenvolver, a natureza do próprio terrorismo também o fará. Nesse sentido, a guerra psicológica, há muito o esteio das intenções e capacidades terroristas, não apenas continuará, mas provavelmente será facilitada e acelerada pelas novas tecnologias de comunicação — assim como tem sido durante as últimas décadas. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Notas finais

1. Frederick J. Hacker, *"Crusaders, Criminals, Crazies: Terror and Terrorism in Our Time"* [Cruzados, Criminosos, Loucos: Terror e Terrorismo na Era Atual] (Nova York: W. W. Norton, 1976), pg. xi

2. Brian Michael Jenkins, "Terrorismo Internacional: Um Novo Tipo de Conflito", em David Carlton e Carlo Schaerf (orgs.), *International Terrorism and World Security* [Terrorismo Internacional e Segurança Global] (Londres: Croom Helm, 1975), pg. 16.

3. J. Bowyer Bell, *"Terrorist Scripts and Live-action Spectaculars"* [Roteiro e Espetáculos Terroristas ao Vivo], *Columbia Journalism Review*, vol. 17, no 1 (1978): pg. 50.

4. Tina Brown, "Death by Error" [Morte por Engano], *The Washington Post* (19 de maio de 2005).

5. Dorothy Denning, *"Information Warfare and Cyber-terrorism"* [Guerra da Informação e Ciberterrorismo], *"Women in International Security"* [Mulheres na Segurança Internacional] (WIIS Seminário, Washington, D.C. (15 de dezembro de 1999).

6. Michele Zanini e Sean J.A. Edwards, *"The Networking of Terror in the Information Age"* [A Rede do Terror na Era da Informação] em John Arquilla e David Ronfeldt (orgs.), *"Networks and Netwars: The Future of Terror, Crime and Militancy"* [Redes e Guerra pela Rede: O Futuro do Terror, do Crime e da Militância] (Santa Monica, CA: RAND, 2001, MR-1382-OSD), pg. 43.

7. Rohan Gunaratna, *"Inside Al-Qa'ida: Global Network of Terror"* [Por Dentro da Al Qaeda: Rede Global do Terror] (Londres: Hurst, 2002), pg. 57. O diretor do comitê operacional de mídia era conhecido pelo nome de guerra Abu Reuter — referência óbvia à mundialmente famosa agência de notícias.

Indentidade Coletiva: Ódio no Sangue

Jerrold Post

Jerrold Post, MD, é professor de psiquiatria, psicologia política e assuntos internacionais e diretor do Programa de Psicologia Política da Universidade George Washington, em Washington, D.C.

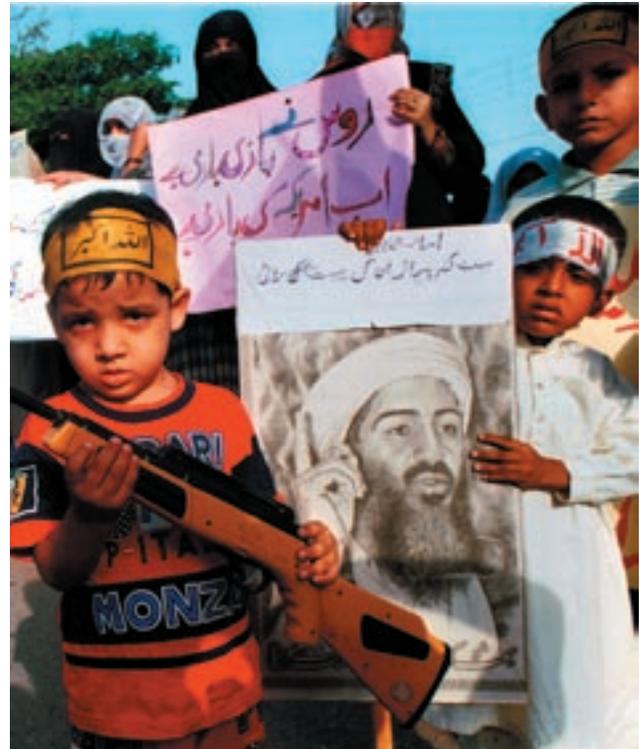
Existe uma suposição generalizada de que os grupos terroristas são compostos por indivíduos com graves problemas psicológicos. Afinal, quem, além de um louco fanático, mata vítimas inocentes em nome de uma causa ou se disporia voluntariamente a ser uma bomba humana?

De fato, o comitê sobre as raízes psicológicas do terrorismo que eu organizei para a Cúpula Internacional sobre Democracia, Terrorismo e Segurança realizada em Madri, em março de 2005,¹ foi unânime em concluir que a tentativa de encontrar na psicopatologia individual as causas que levam as pessoas a se envolver em terrorismo estava fadada ao fracasso e que as explicações centradas na psicologia individual eram insuficientes.

De fato, concluímos que afirmar que terroristas são pessoas psicologicamente "normais" no sentido de não serem clinicamente psicóticas não é exagero. Esses indivíduos não sofrem de depressão e nem de transtornos emocionais graves, tampouco são loucos fanáticos. Na verdade, grupos e organizações terroristas marginalizam indivíduos emocionalmente instáveis — que representem um risco para a segurança.

Existe uma enorme gama de motivações individuais. Para alguns, trata-se de dar sensação de poder àqueles que não têm nenhum; para outros, vingança é a principal motivação e para outros ainda, ter a sensação de importância.

Assim, em vez de psicologia individual, o que emerge como a mais poderosa lente através da qual se pode compreender o comportamento terrorista é a psicologia de grupo, organizacional e social, com ênfase particular na "identidade coletiva".



Athar Hussain/AP Images

Garotos paquistaneses seguram arma de brinquedo e pôster de Osama bin Laden durante manifestação organizada por Jamat-e-Islami (Partido do Islã) em Karachi, Paquistão

Identidade coletiva

Para alguns grupos, especialmente os nacionalistas/terroristas, a identidade coletiva se estabelece muito cedo, de forma que a pessoa parece nascer já com ódio no sangue. Nunca é demais enfatizar a importância das identidades coletivas e dos processos de sua formação e transformação. Os terroristas subordinam sua identidade individual à identidade coletiva, de forma que o que serve ao grupo, organização ou rede tem importância fundamental.

Então, como essa identidade coletiva é formada? Entrevistas com terroristas do Oriente Médio presos² indicam que essa identidade começa muito cedo, segundo citações típicas de terroristas nacionalistas-separatistas do Fatah e da Frente para a Libertação da Palestina:

Sou de uma família religiosa, acostumada a observar todas as tradições islâmicas. Minha conscientização política surgiu durante os serviços na mesquita. Foi lá que fui convidado a participar das aulas de religião. Durante esses estudos, o xeique costumava incluir um pouco contexto histórico em suas explicações sobre como fomos realmente expulsos da Palestina.

E:

"nós", como "eles" haviam roubado nossas terras, como tinham "nos" humilhado. Leais a seus pais, que haviam sido prejudicados pelo regime, os filhos executavam atos de vingança contra "eles".

Como esses terroristas justificavam o extremismo de suas ações na luta por sua causa? Uma resposta foi particularmente reveladora:

Uma ação armada mostra que eu estou aqui, que eu existo, sou forte, tenho o controle, estou em ação, estou no mapa.

Isso significa poder para o impotente, importância para o insignificante. Isso ajuda a explicar por que é tão difícil abandonar a trilha do terrorismo.

Fundamentalismo religioso e terrorismo suicida

O que acabamos de dizer representa o entendimento da psicologia do terrorismo nacionalista-separatista. E o que dizer da



©AP Images

Abril de 2006, o presidente do Sinn Féin, Gerry Adams, fala durante cerimônia de comemoração do 90o aniversário do início da revolta dos rebeldes irlandeses contra a presença britânica no Norte da Irlanda

O xeique costumava nos explicar o significado da existência de um posto militar avançado das Forças de Defesa de Israel (IDF) no centro do acampamento. Ele comparava esse posto a um câncer no corpo humano, uma ameaça à própria existência.

Tampouco tornar-se parte do grupo era algo incomum. Na verdade, quando perguntamos por que decidiram entrar para o grupo, eles responderam que todos estavam entrando, que qualquer pessoa que não entrasse naquela época (*intifada*) seria condenada ao ostracismo.

A causa era passada adiante bem cedo, desde o início da infância. O ódio entre "nós" e "eles" era transmitido de geração a geração. As crianças ouviam de seus pais, seja nos pubs da Irlanda do Norte ou nos cafés de Beirute e nos territórios ocupados, o que "eles" haviam feito a



Niall Carson/©AP Images

Um ano mais tarde, em 8 de maio de 2007, o primeiro-ministro da Irlanda do Norte, Ian Paisley (esquerda), e o vice-primeiro-ministro, Martin McGuinness, do Sinn Féin, foram empossados como ministros executivos da Assembléia da Irlanda do Norte, com poderes divididos, no edifício do Parlamento em Stormont, em Belfast

psicologia do terrorismo fundamentalista religioso? Aqui se trata de indivíduos que "matam em nome de Deus". Seus atos receberam significância sagrada de clérigos radicais, sejam eles aiatolás, rabinos, ministros ou padres. E, por serem "crentes verdadeiros", que aceitam sem questionar a interpretação radical das escrituras adotada pelo clérigo, eles não têm a mesma incerteza sobre a extensão da violência que os nacionalistas-separatistas têm.

Uma das perguntas que fizemos aos militantes do terrorismo islâmico do Hezbollah e Hamas por nós entrevistados foi como eles justificavam seus atos



Muhammed Muheisen/©AP Images

Retratos de homens-bomba palestinos na parede, acima de fotos de vítimas israelenses e ônibus israelenses destruídos, em exposição da Universidade de Birzeit, nos arredores da cidade de Ramallah, na Cisjordânia. Crianças palestinas colecionam fotos de homens-bomba

de terrorismo suicida, uma vez que o Alcorão proíbe especificamente o suicídio. Um dos respondentes ficou bastante irritado:

Isso não é suicídio. Suicídio é fraqueza, egoísmo, distúrbio mental. Isso é istishad [martírio ou auto-sacrifício em nome de Alá].

O eminente estudioso de terrorismo, Ariel Merari, fez uma observação importante no final de 2004, indicando até que ponto o terrorismo suicida podia ser considerado "normal". Contou que, durante uma caminhada pela praça Harvard (em Massachusetts), ficou surpreso ao notar que os adolescentes são todos iguais no mundo inteiro. Quando perguntei o que isso significava, ele respondeu:

Ao entrar em uma pizzaria em Cambridge, os adolescentes falavam sobre seu time favorito de futebol, o New England Patriots (isso foi durante a competição do Super Bowl), sobre os heróis da equipe, como o zagueiro Tom Brady, e de como algum dia, quando crescessem, queriam também ser um astro profissional do futebol como seus heróis. A mesma coisa acontecia nos campos de refugiados, nos territórios ocupados, com a diferença de que lá o Hamas era sua equipe favorita, seus heróis eram os shabids (mártires) e, um dia, quando crescessem, eles queriam ser um shahid, assim

como seus heróis. Era uma conversa assustadoramente normal.

Hassan Salame, um engenhoso palestino comandante de atentados à bomba, declarou:

A "operação martírio" é o nível mais elevado do Jihad, que enfatiza a profundidade da nossa fé. Os terroristas suicidas são guerreiros sagrados que executam um dos mais importantes artigos da fé.

Não existe uma única causa que explique a psicologia do terrorismo suicida. Em seu livro *Manufacturing Human Bombs*³ [Fabricando Bombas Humanas], Mohammad

Hafez identifica três condições como pré-requisitos: cultura de martírio, diáconos estratégicos para empregar essa tática e voluntários dispostos. Na verdade, em dois dos grupos mais inventivos em empregar a técnica, os Tigres Tâmeis e o PKK (o grupo separatista curdo), não havia relação com o fundamentalismo islâmico.

Cientistas sociais israelenses elaboraram biografias *post-mortem* de uma amostra de 93 homens-bomba palestinos. Eram jovens entre dezessete e 22 anos de idade, com baixo nível de escolaridade, desempregados e solteiros. Na verdade, tratava-se de jovens ainda em formação, que ouviam dos comandantes dos ataques suicidas quando entravam no abrigo secreto: "Vocês têm uma vida sem sentido pela frente (a estatística de desemprego nos campos era de 40 a 70 por cento, principalmente para aqueles que não haviam concluído o segundo grau), mas podem dar um significado às suas vidas, vocês serão inscritos no *hall* dos mártires, sua família ganhará prestígio, ficará orgulhosa de vocês e obterá vantagens financeiras". A partir do momento em que entravam no abrigo secreto, não ficavam sozinhos, havia sempre alguém dormindo no mesmo quarto que eles na noite anterior ao ataque, para garantir que não mudassem de idéia, e eles eram acompanhados até o local da "operação martírio".

Já os seqüestradores suicidas do 11 de Setembro de 2001 eram mais velhos (28 a 33 anos de idade); o "cabeça" Mohammad Atta, com 33 anos, e dois de seus colegas cursavam pós-graduação na Universidade Tecnológica em Hamburgo. Eram de famílias de classe média da Arábia Saudita e do Egito. Eram adultos formados, que decidiram sujeitar sua individualidade à carismática e destrutiva liderança de Osama bin Laden. A causa de Bin Laden tornou-se a principal missão de seus seguidores. É interessante observar que, ao contrário dos terroristas suicidas palestinos, eles tinham ficado sozinhos por mais de sete anos no Ocidente, expostos às oportunidades e tentações da democracia ocidental, às quais fingiram se adaptar ao mesmo tempo que mantinham um feixe de raio laser interno focado na sua missão de morrer, levando consigo milhares de vítimas inocentes.

Novos desafios

Um acontecimento particularmente alarmante em termos de psicologia social do terrorismo, mais intenso na Europa Ocidental, é a radicalização de imigrantes muçulmanos de segunda geração. Seus pais haviam ido para a Grã-Bretanha, França, Alemanha, Holanda, Bélgica e Espanha em busca de uma vida melhor, mas permaneceram culturalmente segregados; a segunda geração tornou-se secundariamente radicalizada, como exemplificado pelo atentado à bomba em uma estação de trens de Madri, em 11 de março de 2005, e os ataques à bomba no transporte público de Londres, em 7 de julho de 2005.

A "nova mídia", representada tanto pelos canais a cabo que transmitem notícias continuamente, a exemplo da Al Jazeera, e principalmente a internet, representam um desafio assustador. Em *Terror on the Internet*⁴ [Terror na internet], Gabriel Weimann calculou que em 2006 havia cerca de 4.800 sites de islamitas radicais disseminando sua mensagem de ódio contra o Ocidente, contribuindo para as identidades coletivas dos terroristas de amanhã.

Quais são as implicações do contraterrorismo? Se aceitarmos a premissa de que o terrorismo é um tipo odioso de guerra psicológica, disseminada pela mídia, não contra-atacaremos com bombas e mísseis inteligentes, mas sim por meio de guerra psicológica. Isto sugere quatro elementos de um programa de operações de informações:

- Impedir terroristas em potencial de entrar para o grupo
- Gerar divergências no grupo

- Facilitar a saída do grupo
 - Reduzir o apoio ao grupo e deslegitimar os líderes
- Porém, conforme observado em uma das conclusões do grupo de trabalho da cúpula de Madri: "Serão necessárias décadas para mudar a cultura de ódio e violência. Nessa luta, é preciso manter elevados padrões morais, por exemplo, reforçando-se o Estado de Direito e dando exemplos de boa governança e justiça social. Desviar-se desses padrões significa nos rebaixarmos ao nível dos terroristas e prejudicarmos a democracia liberal".⁶ ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Notas Finais

1. Jerrold Post, "The Psychological Roots of Terrorism," [As Raízes Psicológicas do Terrorismo], em *Addressing the Causes of Terrorism: The Club de Madrid Series on Democracy and Terrorism*, [Examinando as Causas do Terrorismo: Série Clube de Madrid sobre Democracia e Terrorismo], vol. 1 (Madri: Clube de Madri, 2005).

2. Jerrold Post, E. Sprinzak e L. Denny, "The Terrorists in Their Own Words: Interviews With 35 Incarcerated Middle Eastern Terrorists," [Os Terroristas em suas Próprias Palavras: Entrevistas com 35 Terroristas do Oriente Médio Presos], *Terrorism and Political Violence* [Terrorismo e Violência Política], vol. 15, no 1 (2003): pp. 171-184.

3. Mohammad Hafez, *Manufacturing Human Bombs: The Making of Palestinian Suicide Bombers* [Fabricando Bombas Humanas: a Criação de Terroristas Suicidas Palestinos], (Washington, D.C.: Instituto da Paz dos EUA, 2006).

4. Gabriel Weimann, *Terror on the Internet: the New Arena, the New Challenges* [Terrorismo na Internet: Nova Arena, Novos Desafios], (Washington, D.C.: Instituto da Paz dos EUA, 2006).

5. Para saber mais sobre como as operações psicológicas podem desempenhar um papel central na luta contra o terrorismo, ver Jerrold Post, *Joint Force Quarterly*, número 37 (Segundo trimestre de 2005): pp.105-110.

6. Jerrold Post, "The Psychological Roots of Terrorism," [As Raízes Psicológicas do Terrorismo], em *Addressing the Causes of Terrorism: The Club de Madrid Series on Democracy and Terrorism*, [Examinando as Causas do Terrorismo: Série Clube de Madrid sobre Democracia e Terrorismo], vol. 1 (Madri: Clube de Madri, 2005), p. 11.

Mulheres Vítimas e Agressoras

Mia Bloom

Mia Bloom, PhD, é professora assistente na Escola de Assuntos Públicos e Internacionais da Universidade da Geórgia em Athens, Geórgia.

Em 9 de novembro de 2005, Muriel Degauque, belga convertida ao islamismo radical, suicidou-se em explosão de um carro-bomba no Iraque. Nesse mesmo dia, os explosivos presos ao cinto de Sajida Atrous al-Rishawi falharam durante uma recepção de casamento em um hotel de Amã.

Apesar do espanto causado por esses eventos, há muito tempo as mulheres participam de movimentos terroristas. Nas décadas de 1970 e 1980, muitas delas tiveram atuação de destaque em organizações terroristas latino-americanas e européias e, dependendo do grupo, chegavam a constituir um terço de seus componentes – como foi o caso da Fação do Exército Vermelho na Alemanha e do Movimento Dois de Junho. Contudo, a migração de mulheres das funções predominantemente de apoio para funções operacionais mais atuantes, como a de mulher-bomba, é bem mais recente. A primeira foi uma jovem libanesa de 17 anos que se explodiu próximo a um comboio israelense em 1985. O aumento da participação das mulheres no terrorismo levantou novas perguntas.

Dos cerca de 17 grupos que empregam a tática de bombardeio suicida, metade deles conta com mulheres atuantes. Entre 1985 e 2006 houve mais de 220 mulheres-bomba, representando cerca de 15% do número total de atentados desse tipo. Além disso, o aumento no número de mulheres-bomba ocorre tanto em organizações seculares quanto religiosas, embora no início os grupos religiosos tenham resistido a usar mulheres nesses contextos.¹

Desde setembro de 2005, quando uma mulher-bomba provocou uma explosão na cidade de Tal Afar, matando oito



Hadi Mizban/©AP Images
Esta iraquiana, que perdeu o filho em atentado com carro-bomba contra um posto de inspeção policial em Bagdá, no Iraque, em setembro de 2005, é apenas uma das milhares de vítimas do terrorismo

recrutas do exército iraquiano e ferindo 30, muitos outros episódios como esse eclodiram no Iraque. Em dezembro daquele ano, duas mulheres se explodiram numa sala de aulas da academia de polícia de Bagdá matando 27 pessoas e, recentemente, em 25 de fevereiro de 2007, uma mulher-bomba matou 42 pessoas e feriu 51 na segunda maior faculdade de Bagdá, a Universidade de Mustansiriyah.

A pergunta é "por quê?"

É comum após esses acontecimentos que a mídia especule as possíveis motivações dos terroristas suicidas, mas a principal reação é de espanto ao constatar que uma mulher – geralmente tida como vítima e não agente da violência – possa fazer essas coisas. Especialistas em terrorismo, psicólogos e analistas políticos procuram com frequência

fazer uma "autópsia psicológica", investigando onde a autora da violência cresceu, que escola frequentou e o que aconteceu de errado para que ela se tornasse uma pessoa violenta. Uma hipótese comum é que ela deve ser depressiva, louca, suicida ou psicopata e, principalmente, que algum homem a tenha levado a agir assim.

No entanto, anos de pesquisa revelam que compo_nentes psicopatológicos e transtornos de personalidade não são mais comuns entre os terroristas de uma comunidade do que entre os que não são terroristas. E, embora não se acredite mais que são os homens que forçam a maioria das mulheres a ingressar no terrorismo, os homens na vida dessas mulheres desempenham papel importante na sua mobilização para atividades terroristas. Segundo Deborah Galvin: "Algumas mulheres são recrutadas para organizações terroristas pelos namorados. Um aspecto relevante que pode caracterizar o envolvimento das mulheres terroristas é a existência de um namorado ou de uma namorada/uma cúmplice."² De fato, embora al-Rishawi não tenha conseguido matar os



Hasan Sarbakhshian/©AP Images

Fevereiro de 2006, estudantes iranianas preenchem formulário apresentando-se como voluntárias para realizar atentados suicidas

convidados na festa de casamento em Amã, seu marido, que estava com ela, matou 38 pessoas.

A jornalista britânica Eileen MacDonald revela como "Begona" explicou seu ingresso aos 25 anos no ETA (grupo nacionalista terrorista basco que atua na Espanha e na França): "porque um homem que eu conhecia fazia parte da organização".³ São muitas as histórias de homens que seduzem mulheres para participar de atos de violência, levando-as inicialmente a uma má conduta sexual e exigindo em seguida um "ato de martírio" como única maneira de purificar o nome da família e escapar da humilhação. Mas é um engano imaginar que as mulheres sejam meras vítimas ou reféns dos homens sem ter qualquer motivação política própria. Na verdade, um dos indicadores mais confiáveis para o envolvimento das mulheres em um movimento específico é seu relacionamento com um homem que seja ou tenha sido terrorista daquela organização. No caso de al-Rishawi, vários de seus irmãos haviam sido mortos no Iraque lutando no movimento insurgente contra as tropas de coalizão e seu casamento de poucos dias fora arranjado para facilitar a operação.

Alguns psicólogos explicam que os terroristas normalmente sofrem de "feridas narcisísticas" – principalmente um dano duradouro à sua auto-imagem e auto-estima grave o suficiente para forçar o "eu desacreditado" a buscar uma nova "identidade positiva" (por exemplo, conquistar um novo senso de "pertencimento" como membro de um grupo terrorista). O psicólogo Joseph Mariolem acredita que "grande parte do comportamento terrorista é uma resposta a frustrações relativas a diversas necessidades e objetivos políticos, econômicos e pessoais".⁴ O Dr. Randy Borum acrescenta: "O vínculo entre frustração (ser impedido de atingir uma meta ou de se comportar de determinada maneira) e agressão [pode ser] a 'principal explicação' para entender a causa da violência humana."⁵ Outros especialistas chegam até a afirmar que a maioria dos terroristas está no limite do autismo, e,

portanto, gravita em torno de ideologias que simplificam o mundo em branco e preto, bem e mal.⁶

Causas-raiz

Autores das áreas de psicologia, sociologia e ciência política analisam as causas fundamentais da maioria das ações terroristas. Muitos aspectos relacionados como causas-raiz, contudo, também explicam a mobilização de grupos políticos não terroristas e, portanto, caem na categoria de fatores "necessários, mas não suficientes" para explicar por que muitos deles levam algumas pessoas à violência. Entre eles:

- Inexistência de democracia, liberdades civis e Estado de Direito
- Estados fracos ou fracassados que oferecem abrigo a terroristas
- Processo de modernização muito rápido
- Ideologias extremistas – tanto seculares quanto religiosas
- Histórico de violência política, guerras civis, revoluções, ditaduras ou ocupações
- Governos ilegítimos ou corruptos
- Repressão por ocupação estrangeira ou potências colonialistas
- Experiência de discriminação com base em características (étnica, racial ou religiosa) que lhes são imputadas
- Injustiça social
- Presença de líderes ideológicos carismáticos⁷

De acordo com especialistas como Yoram Schweitzer e Farhana Ali, as razões que motivam as mulheres tendem a ser de ordem mais "pessoal" do que as que influenciam os homens. Elas podem ser resumidas nos quatro Rs: revanche, redenção, respeito e relacionamento. Englobam, em especial:

- Perda da pessoa amada (geralmente o macho dominante em sua vida – marido, pai ou irmão)
- Necessidade de se reinventar devido à má conduta sexual, real ou suposta
- Incapacidade de gerar filhos ou ser considerada inadequada para o casamento⁸
- Desejo de melhorar a situação das mulheres na sociedade
- Provar que são tão dedicadas à Causa quanto os homens
- Ser irmã, filha ou esposa de insurgentes famosos⁹

Diferenças e semelhanças

No entanto, pressupor que as mulheres são motivadas por razões diferentes das que influenciam os homens é problemático. Assim como os homens, a maioria das mulheres são inspiradas tanto por razões pessoais quanto políticas para se engajarem



Khalil Hamra/©AP Images

Durante manifestação realizada em 2004 em apoio ao Hamas, menino palestino segura fotografia de uma mulher que se explodiu no principal cruzamento entre Israel e a Faixa de Gaza, matando quatro pessoas

na violência. A psicóloga Ariel Merari declara: "A cultura de forma geral e a religião em particular parecem ser relativamente inexpressivas no fenômeno do suicídio terrorista. O suicídio terrorista, como qualquer outro, é basicamente um fenômeno pessoal e não grupal: as pessoas que desejam morrer por motivos pessoais o fazem. A estrutura terrorista simplesmente oferece a desculpa (não a verdadeira motivação) e a legitimidade para que sua consecução se dê de maneira violenta."¹⁰

Tanto para os homens quanto para as mulheres terroristas, o motivo inclui uma visão de mundo que dá sentido à sua morte iminente e geralmente liga essas pessoas a alguma forma de "imortalidade". Ultimamente, a tendência é supor que exista uma conexão natural entre a fé e o desejo de matar e de ser morto.¹¹ No entanto, até agora não se estabeleceu nenhuma ligação *a priori* entre religião e terrorismo.

Na verdade, numa perspectiva histórica, muitos grupos terroristas – como as Brigadas Vermelhas na Itália, a Facção do Exército Vermelho na Alemanha e o Sendero Luminoso no Peru – eram formados por socialistas radicais sem nenhuma ligação religiosa. E, no entanto, eles incluíram a liberação das mulheres como parte de seu programa político.

Hoje, a maioria das mulheres envolvidas com terrorismo parece desempenhar o papel de bucha de canhão barata. Em linhas gerais, parece que elas se tornaram uma tática inovadora porque destoam do perfil e dos estereótipos criados pelos contraterroristas. Ademais, como podem atestar os que assistiram ao filme *A Batalha de Argel*, as mulheres ativistas podem se misturar facilmente à população civil inimiga para não serem identificadas: suas roupas são adequadas para esconder bombas e, às vezes, se disfarçam de grávidas para não serem revistas. Mas, na verdade, são poucas as mulheres com permissão para assumir funções de liderança, até mesmo nos grupos em que representam de 30% a 60% dos terroristas suicidas. Com relação às organizações terroristas palestinas, Clara Beyler diz que: "As mulheres raramente compõem os altos escalões do processo de decisão nesses grupos. Elas podem se apresentar como voluntárias ou ... podem ser coagidas a realizar um ataque homicida, mas o papel da mulher em última instância é ditado pela hierarquia patriarcal que governa a sociedade palestina e seus grupos terroristas."¹²

Na realidade, o número de mulheres que se envolvem na violência é pequeno em relação a qualquer movimento como um todo. Como os terroristas são apenas uma fração do grupo que pretensamente representam, a verdadeira oposição a eles vem dos moderados na sua própria comunidade, que preferem outras alternativas à violência. Os terroristas, portanto, buscam forçar uma contra-reação violenta por parte das autoridades de forma a conquistar mais simpatia e apoio, radicalizar outros membros da comunidade e ajudar na mobilização de outros recrutas. Ao usar mulheres em suas operações, as organizações terroristas esperam provocar uma forte reação contras as mulheres de sua sociedade, uma forma certa de provocar mais violência e ódio.

Inexistência de padrões gerais

Uma importante meta do terrorismo, além das vítimas imediatas, é fomentar medo e incerteza com a destruição de vidas e propriedades, na esperança de causar custos maiores a longo prazo. Os terroristas querem que os inimigos gastem tempo e dinheiro com o reforço da segurança; sua vontade é impor um tributo altíssimo à sociedade inimiga, obrigando-a a transferir recursos da produção para ações não produtivas.¹³

Uma iniciativa de combate ao terrorismo potencialmente útil é apelar para a comunidade mais ampla e fortalecer os moderados. Tratar as causas de raiz pode não eliminar a violência, mas ajuda a mostrar que os moderados são capazes de proporcionar benefícios à população, ao passo que os terroristas não podem fazê-lo. A maioria das pesquisas mostra que o apoio à violência diminui quando há alternativas viáveis e melhores perspectivas de paz.¹⁴

Para as mulheres, é importante enfatizar que elas podem

exercer papel positivo na sociedade e contribuir mais e de forma mais significativa na vida do que na morte. Isso ajudaria a apoiar organizações femininas de base que beneficiam a comunidade como um todo. Esses grupos podem formar a espinha dorsal de uma sociedade civil capaz de fazer a ponte entre comunidades distintas e lançar os alicerces para a criação da verdadeira democracia.¹⁵

Os pontos mais importantes que devem ficar claros são os seguintes: a inexistência de padrões gerais; a inexistência de perfis confiáveis; e a impossibilidade de explicar todos os tipos de terrorismo.

O psicólogo John Horgan explica que cada movimento terrorista tem sua própria complexidade, e até mesmo o menor dos grupos é caracterizado por uma variedade de papéis que levam a diferentes formas de envolvimento", ¹⁶ tanto para os homens quanto para as mulheres. Ademais, há muitas formas distintas de terrorismo, orientadas pelas mais diversas razões, de forma que é impossível identificar uma única causa para qualquer forma de terrorismo – islamita, salafista global, questão específica (por exemplo, meio ambiente, direitos dos animais), racismo de direita, nacionalista-separatista – quanto mais explicar as motivações das mulheres.

Certa vez argumentei que existem motivações organizacionais calculadas para usar as mulheres. Os líderes de movimentos terroristas fazem cálculos de custo/benefício para selecionar táticas, alvos e agentes criminosos, e as mulheres-bomba são armas baratas. Além disso, eles conseguem muito mais atenção da mídia e também constroem os homens, que acabam se mobilizando para não deixar que as mulheres "façam o seu serviço".¹⁷

Inegavelmente, seria possível obter dados mais úteis se os pesquisadores pudessem falar diretamente com membros de conhecidos movimentos terroristas estrangeiros. Embora o acesso a essas fontes primárias seja limitado,¹⁸ como defende Horgan: "Por mais indigesto que pareça, para entender o desenvolvimento e a estrutura do comportamento terrorista é preciso encontrar e falar com pessoas que estiveram, ou estão, envolvidas com violência terrorista."¹⁹ Isso é especialmente verdade para determinar por que as mulheres, cuidadoras por tradição, decidem tornar-se assassinas". ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Notas Finais

1. Mia Bloom, "Female Suicide Bombers: A Global Trend" [Mulheres-Bomba: Uma Tendência Mundial], *Deadalus* (primeiro trimestre de 2007).
2. Deborah M. Galvin, "The Female Terrorist: A Socio-Psychological Perspective" [A Mulher Terrorista: Uma Perspectiva Sócio-Psicológica], *Behavioral Science and the Law*, vol. 1 (1983): (pp.19-32)
3. Eileen MacDonald, *Shoot the Women First* [Atirem Primeiro nas

Mulheres] (Nova York: Random House, 1992).

4. Joseph Margolin, "Psychological Perspectives in Terrorism" [Perspectivas Psicológicas no Terrorismo], em Y. Alexander e S. M. Finger (orgs.), *Terrorism: Interdisciplinary Perspectives* [Terrorismo: Perspectivas Interdisciplinares] (Nova York: John Jay, 1977), pp. 273-274.

5. Randy Borum, *Psychology of Terrorism* [Psicologia do Terrorismo] (Tampa, FL: Universidade da Flórida, 2004), p. 13.

6. D. Gambetta e S. Hertog, "Engineers of Jihad" [Engenheiros da Jihad], trabalho não publicado e apresentado no Centro de Estudos da Guerra Civil (17 de agosto de 2006).

7. T. Björger, *Root Causes of Terrorism* [Causas de Raiz do Terrorismo] (Londres: Routledge, 2005).

8. R. Pape, *Dying to Win: The Strategic Logic of Suicide Terror* [Morrer para Vencer: A Lógica Estratégica do Terrorismo Suicida] (Nova York: Random House, 2005).

9. Noor Huda Ismail, "Married to a Jihadist" [Casada com um Membro da Jihad] *Straits Times* (10 de março de 2006). Disponível em <http://noorbudai-smail.blogspot.com/2006/03/married-to-jihadist.html>.

10. Ariel Merari, "The Readiness to Kill and Die: Suicidal Terrorism in the Middle East" [Disposição para Matar e Morrer: Terrorismo Suicida no Oriente Médio], em W. Reich (ed.), *Origins of Terrorism: Psychologies, Ideologies, Theologies and States of Mind* [Origens do Terrorismo: Psicologias, Ideologias, Teologias, e Estados da Mente] (Nova York: Cambridge University Press, 1990), p. 206.

11. Veja, por exemplo, M. Jurgensmeyer, *Terror in the Mind of God: The Global Rise of Religious Violence* [O Terrorismo na Mente de Deus: Aumento Global da Violência Religiosa] (Berkeley, CA: University of California Press, 2003); J. Stern, *Terror in the Name of God: Why Religious Militants Kill* [Terrorismo em Nome de Deus: Por Que os Militantes Religiosos Matam] (Nova York: Random House, 2004); e J. Esposito, *Unholy War: Terror in the Name of Islam* [Guerra Não Santa: Terrorismo em Nome do Islamismo] (London: Oxford University Press, 2002).

12. Clara Beyler, "Using Palestinian Women as Bombs" [O Uso de Mulheres Palestinas como Bombas] *New York Sun* (15 de novembro de 2006).

13. C. McCauley, "The Psychology of Terrorism" [A Psicologia do Terrorismo]. Disponível em <http://www.ssrc.org/sept11/essays/mccauley.htm>.

14. Mia Bloom, *Dying to Kill: The Allure of Suicide Terror* [Morrer para Matar: A Sedução do Suicídio Terrorista] (Nova York: Columbia University Press, 2005), ch. 3 passim.

15. A. Varshney, *Ethnic Conflict and Civic Life: Hindus and Muslims in India* [Conflito Étnico e Vida Civil: Hindus e Muçulmanos na Índia] (New Haven, CT: Yale University Press, 2003).

16. John Horgan, *The Psychology of Terrorism* [A Psicologia do Terrorismo]. (Londres: Routledge, 2005).

17. Bloom, M. *Dying to Kill: The Allure of Suicide Terror* [Morrer para Matar: A Sedução do Suicídio Terrorista] (Nova York: Colúmbia University Press, 2005).

18. Uma exceção notável é Jerrold Post, E. Sprinzak e L. Denny, "The Terrorists in Their Own Words: Interviews With 35 Incarcerated Middle Eastern Terrorists" [Os Terroristas em suas Próprias Palavras: Entrevistas com 35 Terroristas do Oriente Médio Encarcerados], *Terrorism and Political Violence*, vol. 15, no 1 (2003): pp. 171-184.

19. John Horgan, *The Psychology of Terrorism* [A Psicologia do Terrorismo]. (Londres: Routledge, 2005) e (2008, no prelo).

Breve História do Terrorismo

Walter Laqueur

Depois de aposentar-se dos muitos cargos acadêmicos que exerceu, Walter Laqueur, PhD, mais recentemente esteve associado ao Conselho Internacional de Pesquisas do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, em Washington, D.C., como ex-diretor e, atualmente, como eminente acadêmico.

O que é terrorismo? Existe mais de uma centena de definições. O Departamento de Estado tem uma, no Título 22 do Código dos EUA, Parágrafo 2656: "violência premeditada, de motivação política, perpetrada contra alvos civis por grupos subnacionais ou agentes clandestinos, em geral visando influenciar um público". O Departamento de Defesa tem outra, assim como o Bureau Federal de Investigação, e este autor contribuiu com duas ou três definições próprias. Mas nenhuma é inteiramente satisfatória.

Na minha opinião, tem-se dado muita importância ao elemento "alvos civis" para definir terrorismo; não há nenhum grupo terrorista na história que tenha atacado apenas soldados ou policiais. Mas e se um grupo de atiradores atacar soldados de manhã e civis à noite: eles são terroristas ou pertencem a uma categoria diferente? Ou mudam de natureza no decorrer do dia?

Nunca encontraremos uma definição que englobe todas as possibilidades, pela simples razão de que não existe um terrorismo e sim muitos, com grandes diferenças no tempo e no espaço, em motivação e em suas manifestações e seus objetivos.

Estudos iniciais

Quando o estudo sistemático do terrorismo começou, na década de 1970, alguns acreditavam — erroneamente — que o terrorismo era mais ou menos monopólio dos grupos de extrema esquerda, como as Brigadas Vermelhas italianas, o Exército Vermelho alemão e vários grupos latino-americanos. (Existia também o terrorismo étnico-nacionalista, como na Irlanda do Norte, mas sua importância era menor.) Daí a conclusão: o terrorismo surge sempre que pessoas são mais exploradas e cruelmente oprimidas. Portanto, o terrorismo poderia ser facilmente

eliminado com o fim da exploração e da opressão.

Porém, deveria ter ficado claro que mesmo essa não poderia ser a explicação correta, pois o terrorismo estava ausente justamente nos regimes mais opressivos do século 20 — a Alemanha nazista e a Rússia stalinista. É verdade que praticamente não existia terrorismo nas sociedades mais ricas e igualitárias — mas também não havia terrorismo nas muito pobres.

Uma década se passou e a maioria dos grupos terroristas de extrema esquerda desapareceu. Se houve terrorismo durante os anos 1980, ele era em grande parte originário de pequenas células de extrema direita.

Existiram alguns casos de seqüestro de aviões e explosão de bombas (como em Lockerbie, Escócia) e algumas embaixadas foram atacadas ou mesmo invadidas (como em Teerã), mas essas operações não foram realizadas por grupos de extrema esquerda.



©AP Images
Investigadores examinam destroços do voo 103 da Pan Am, que explodiu sobre Lockerbie, Escócia, em 22 de dezembro de 1988. Todas as 259 pessoas a bordo e 11 pessoas no solo morreram. Vítimas e destroços se espalharam por uma área de 2.189 quilômetros quadrados

O ataque terrorista mais mortífero ocorrido nos Estados Unidos antes de 11 de setembro de 2001 foi o atentado à bomba contra um edifício do governo federal na Cidade de Oklahoma, em 1995, realizado por um sectário de extrema direita. O terrorismo nacionalista continuou (em Ulster, na região basca da Espanha, no Sri Lanka, em Israel e alguns outros lugares), mas o terrorismo islâmico, que hoje se destaca tanto, praticamente ainda não havia surgido, exceto esporadicamente em alguns países do Oriente Médio.

Hoje em dia, terrorismo, Al Qaeda e grupos semelhantes motivados pelo fanatismo religioso tornaram-se praticamente sinônimos, de modo talvez inevitável, pelo fato de a maior parte do terrorismo contemporâneo ser perpetrada por seus partidários. Porém, devemos resistir à tentação de equiparar o terrorismo a esses grupos, pela simples razão de que o terrorismo é muito mais antigo do que o islamismo militante e, por tudo que sabemos, continuará a existir muito depois que os atuais protagonistas do jihadismo tiverem desaparecido.

O terrorismo não é uma doutrina política, embora algumas pessoas tenham tentado transformá-lo em uma ideologia. Ele é, na verdade, uma das mais antigas formas de violência — embora nem precisemos dizer que nem toda violência é terrorismo. Ele provavelmente é mais antigo que a guerra normal, pois a luta entre exércitos envolve certa organização e uma logística sofisticada que o homem primitivo não possuía.

Histórico

O terrorismo aparece no Antigo Testamento da Bíblia e existiram freqüentes incidentes de assassinatos políticos, ou mesmo de assassinatos sistemáticos, na história grega e romana. O assassinato de Júlio César, para dar apenas um exemplo, ocupou escritores e artistas nos dois milênios seguintes. A questão de saber se o tiranicídio (como o executado por Guilherme Tell, o herói nacional da saga suíça) seria lícito manteve ocupadas gerações de teólogos e filósofos.

Não havia unanimidade total, mas a opinião majoritária era de que o terrorismo seria aceitável em determinadas condições. Quando um opressor cruel — um tirano — sendo um inimigo de toda a humanidade, violando as leis de Deus e da justiça dos homens, não deixava alternativa às suas vítimas para escapar da opressão intolerável, cometer um ato terrorista era a ultima ratio, o último refúgio dos oprimidos, depois que todos os outros meios tinham sido esgotados.

Mas filósofos e teólogos tinham consciência de que existia um grave risco de se fazer mau uso da doutrina do

tiranicídio justificável, alegando ultima ratio quando, na verdade, não havia razão justificável para o assassinato (como no caso da morte do bom rei Henrique IV da França) ou quando existiam outras formas de expressar protesto e resistência.

Nesse meio tempo, surgiram pequenos grupos engajados em terrorismo sistemático por longos períodos, como a seita secreta dos Assassinos, ramo dos Ismaelitas muçulmanos, que atuou dos séculos 8 a 14 na região que é hoje o Iraque e o Irã, matando governadores, administradores, califas e o Rei Cruzado de Jerusalém. Eles foram os pioneiros do terrorismo suicida — sua arma era sempre a adaga e, como suas vítimas em geral eram bem protegidas, as chances de escapar eram praticamente nulas. Até mesmo a linguagem que usavam sobreviveu — um lutador era um fida'i (aquele que se auto-sacrifica), termo usado até hoje.

O terrorismo continuou ativo do final da Idade Média até os tempos modernos, embora em escala um tanto reduzida. Esse foi o período das grandes guerras, como a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e as Guerras Napoleônicas (1799-

1815). E nessas épocas, quando muitas pessoas eram mortas ou feridas nos campos de batalha, ninguém prestava muita atenção se ocorria violência terrorista em pequena escala, aqui ou ali.

A ascensão do terrorismo

A ascensão do terrorismo ocorreu no final do século 19. Entre os principais grupos ativos estavam os rebeldes irlandeses, os revolucionários socialistas russos e anarquistas variados de toda a Europa e América do Norte. Mas sociedades secretas também estavam se engajando ativamente no terrorismo fora da Europa — no Egito, por exemplo, assim como na Índia e na China — buscando a libertação nacional. Alguns desses ataques tiveram conseqüências trágicas, outros foram mais bem sucedidos a longo, mas não a curto prazo.



©AP Images
O assassinato do Arquiduque Franz Ferdinand da Áustria e de sua esposa por um grupo nacionalista pan-eslavista durante a visita real a Sarajevo, Bósnia, em 28 de junho de 1914, precipitou a Primeira Guerra Mundial

A violência dos terroristas do século 19 foi impressionante — eles mataram um czar russo (Alexandre II), bem como vários ministros, arquiducos e generais; presidentes americanos (William McKinley em 1901 e, antes dele, em 1881, James Garfield); o rei Umberto da Itália, uma imperatriz da monarquia austro-húngara; Sadi Carnot, presidente da França, e Antonio Cánovas, primeiro-ministro espanhol — para mencionar apenas algumas das vítimas mais famosas. A Primeira Guerra Mundial foi, logicamente, desencadeada pelo assassinato de Franz Ferdinand, o herdeiro austríaco do trono, em Sarajevo, em 1914.

Relendo as notícias desse período (e também os romances de importantes autores como Fiodor Dostoiévski, Henry James e Joseph Conrad), pode-se facilmente ter a impressão de que o terrorismo era o

maior perigo enfrentado pela humanidade e que o fim do mundo civilizado estava próximo. Mas como tantas vezes antes e depois disso, o perigo terrorista passou e, como o revolucionário bolchevique russo Leon Trotsky observou certa vez, um ministro foi morto, mas vários outros estavam ansiosos para substituí-lo.

Terrorismo contemporâneo

Após a Primeira Guerra Mundial, o terrorismo ressurgiu em vários países, como a Alemanha e os países bálticos. Antes de conquistar o poder, tanto os fascistas quanto os comunistas acreditavam mais na violência das massas do que em atos terroristas individuais — com algumas exceções ocasionais, como o assassinato do líder socialista italiano Giacomo Matteoti.

Depois da Segunda Guerra Mundial e nas duas décadas seguintes houve poucos atos terroristas. Isso explica, talvez,

por que a retomada das operações terroristas nos anos 70 e, a fortiori, o surgimento do terrorismo islâmico foram interpretados por muitos, que ignoram a longa história anterior do terrorismo, como uma coisa totalmente nova e sem precedentes. Isso é especialmente evidente em relação ao terrorismo suicida. Como mencionamos anteriormente, até o final do século 19 grande parte do terrorismo consistia em missões suicidas, simplesmente porque as únicas armas

disponíveis eram adagas, pistolas de curto alcance ou bombas altamente instáveis, que muitas vezes explodiam nas mãos dos criminosos.

Mas também é verdade que o terrorismo contemporâneo difere, em alguns aspectos essenciais, do perpetrado no século 19 e mesmo antes.

O terrorismo tradicional tinha seu "código de honra": os alvos eram reis, líderes militares, ministros e outras figuras públicas importantes, mas se houvesse risco de que a



Três pessoas não identificadas usando boinas bascas e sentadas diante de uma bandeira do ETA apareceram em um vídeo exibido na televisão em 2006. O ETA (Euskadi Ta Askatasuna, ou Pátria Basca e Liberdade), que luta por um Estado basco independente da Espanha, é um dos grupos considerados terroristas

esposa ou os filhos do alvo fossem mortos em um ataque, os terroristas suspendiam o atentado, mesmo que isso colocasse em perigo sua própria vida.

Hoje, o terrorismo indiscriminado tornou-se regra; pouquíssimos políticos ou generais importantes foram mortos, enquanto a vida de muitas pessoas totalmente inocentes é ceifada. Assim, o termo terrorismo tem conotações muito negativas, e os terroristas agora insistem em ser chamados por outro nome. Quando Boris Savinkov, que liderou os revolucionários socialistas russos antes da Primeira Guerra Mundial, publicou sua autobiografia, não hesitou em dar-lhe o título de Memórias de um Terrorista. Hoje, isso seria impensável — o terrorista moderno quer ser conhecido como combatente da liberdade, guerrilheiro, militante, insurgente, rebelde, revolucionário — qualquer coisa menos terrorista, um assassino de inocentes ao acaso.

Se não existe consenso quanto à definição de terrorismo, isso significa que prevalece a confusão total e o relativismo,

que um ponto de vista é tão bom quanto qualquer outro? É totalmente verdadeiro que, como diz o ditado, aquele que é terrorista para uma pessoa é combatente da liberdade para outra. Mas como mesmo os maiores autores de assassinatos em massa da história, de Hitler a Pol Pot, tiveram seus admiradores, essa posição não nos leva muito longe. Mesmo que não exista uma definição perfeita de terrorismo, a maioria dos estudiosos razoavelmente imparciais muitas vezes concorda ao julgar uma ação. Alguém já comparou o terrorismo com a pornografia ou obscenidade, que também é difícil de definir, mas um observador com alguma experiência reconhece quando a vê.

Não existem meios diretos para explicar por que as pessoas decidem tornar-se terroristas, nenhuma fórmula mágica ou leis semelhantes às de Newton ou Einstein no mundo físico. De vez em quando surgem novas idéias que, em geral, não resistem a um exame crítico. Por exemplo, recentemente foi sugerido que o terrorismo ocorre apenas (ou principalmente) quando existe invasão estrangeira em um país. Essa proposta é verdadeira em alguns casos, como na ocupação da Espanha por Napoleão ou no caso presença das tropas americanas no Iraque. Mas o exame do mapa geopolítico do terrorismo contemporâneo mostra que, em muitos casos, do Sri Lanka a Bangladesh, à Argélia e à Europa, a invasão estrangeira não é o fator decisivo. E, mesmo no Iraque, a grande maioria das vítimas dos terroristas não está entre as forças de ocupação, mas é resultado dos ataques de sunitas contra xiitas e vice-versa.

Um fenômeno de gerações

A história oferece alguma lição?

Aqui também não existem respostas bem definidas, exceto de modo muito genérico. O terrorismo raramente ou nunca ocorre em ditaduras de verdade. Ironicamente, no mundo moderno, parece que os terroristas se aproveitam da liberdade de pensamento, expressão, religião, movimentação e reunião oferecida pelas democracias. O terrorismo também é um problema nos estados falidos, nos quais o poder central é fraco ou inexistente. Por exemplo, praticamente não havia terrorismo das ruas na Espanha de Franco, mas quando sua ditadura estava se desmantelando, ele apareceu no cenário político. No Oriente Médio, mesmo os regimes levemente



Dennis Cook/© AP Images
Ex-refém Victor Ambury abraça uma criança não identificada ao voltar para os Estados Unidos em 2 de julho de 1985. Ambury estava entre os 153 passageiros e a tripulação do voo internacional 847 da TWA. O avião foi seqüestrado por terroristas libaneses logo após sua decolagem da Grécia, em 14 de junho, e mantido em poder dos seqüestradores por duas semanas

autoritários acabaram com o terrorismo sem grande dificuldade — Turquia e Síria na década de 1980, Argélia e Egito na década seguinte.

O terrorismo às vezes conseguiu atingir seus objetivos, mas provavelmente falhou em um número até maior de tentativas. E, em alguns casos, resultou no oposto do que seus perpetradores pretendiam obter.

Mas o terrorismo é basicamente um fenômeno de gerações e, mesmo derrotado, pode reaparecer mais tarde. Não temos motivos para esperar seu desaparecimento em nossa época. Numa era em que as guerras em larga escala tornaram-se perigosas e caras demais, o terrorismo é a forma mais comum de conflito violento. Enquanto existir conflito na terra, haverá terrorismo. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

De Perfis a Caminhos: A Estrada para o Recrutamento

John Horgan



Hasan Sarbakhshian/©AP Images

Iranianos apresentam-se para serem "mártires" suicidas em evento de recrutamento em Teerã, em abril de 2006

*John Horgan, PhD, é pesquisador sênior no Centro de Estudos sobre Terrorismo e Violência Política e professor de relações internacionais na Universidade de St. Andrews, Escócia. Psicólogo político irlandês, sua pesquisa mais recente concentra-se no movimento de entrada e saída de pessoas em grupos terroristas. Seu livro, *Walking Away from Terrorism: Accounts of Disengagement from Radical and Extremist Movements* [Fugindo do Terrorismo: Relatos de Afastamento de Movimentos Radicais e Extremistas] será publicado em 2008.*

Menos de um ano após uma série coordenada de quatro atentados suicidas à bomba contra o sistema metroviário londrino, em 7 de julho de 2005, o aguardado Relatório da Câmara dos Comuns¹ sobre os eventos desse dia concluiu: "O que sabemos sobre antigos extremistas no Reino Unido é que não há um perfil invariável que ajude a identificar quem pode estar vulnerável a radicalizações. Desses

quatro indivíduos, três eram cidadãos britânicos de segunda geração cujos pais eram de origem paquistanesa e um era filho de pais de origem jamaicana; Kamel Bourgass, condenado pelo plano de ataques com ricina, era um argelino que teve seu pedido de asilo negado; Richard Reid, o homem do sapato-bomba fracassado, era filho de mãe inglesa e pai jamaicano. ... Alguns tinham bom nível de instrução, outros menos. Alguns eram genuinamente pobres, outros nem tanto. Alguns aparentemente estavam bem integrados no Reino Unido, outros não. Alguns eram solteiros, porém outros eram homens de família, com

filhos. Alguns anteriormente cumpriam a lei, outros tinham um histórico de pequenos crimes."

As entrelinhas desse notável relatório revelam uma certa frustração gerada pelo fracasso de se chegar a um perfil nítido daqueles que vêm sendo recrutados para integrar a campanha global de terrorismo e subversão da Al Qaeda. Na verdade, essa mesma frustração é evidente em diversos círculos de política e de segurança pública, e apesar do insucesso dos pesquisadores em chegar a um perfil válido e confiável do terrorista, a busca persiste.

Traçando o perfil do terrorista

No entanto, apesar de ser logicamente improvável que se chegue a um perfil de terrorista,² a insistência em buscar uma descrição não é surpreendente, e algumas questões claras e compreensíveis alimentam as tentativas de elaborar esse retrato.

Por um lado, as trágicas conseqüências da atividade terrorista bem sucedida nos obrigam a enfrentar os efeitos de comportamentos que, para muitas pessoas normais, indicariam anormalidade ou algum tipo de doença, sendo a pergunta "Como alguém consegue fazer uma coisa dessas?" uma típica reação ao comportamento chocante associado aos atentados terroristas.

Uma segunda questão que impulsiona as tentativas de se traçar um perfil é outra pergunta básica: Considerando que tantas pessoas são sujeitas às supostas condições que gerariam o terrorismo (ou "causas básicas"), os fatores desencadeantes e catalisadores — tanto da mobilização religiosa quanto da política — que podem levar ao envolvimento em práticas violentas, por que será que tão poucos de fato acabam se alistando?

Essa é uma pergunta difícil de responder e qualquer resposta que dermos certamente não será satisfatória para todos. Uma tentação, que influenciou seriamente a natureza e o encaminhamento de algumas pesquisas anteriores (principalmente de psicólogos), foi supor que existem algumas qualidades distintivas tanto dentro de um grupo específico de terroristas — em termos do que os torna "semelhantes" — como no que supostamente os torna "diferentes" do resto de nós (ou pelo menos dos que não se envolvem com terrorismo).

Ariel Merari, psicólogo e especialista em terrorismo, argumentou corretamente que é mais preciso afirmar que "não se chegou a nenhum perfil de terrorista" do que "não há um perfil de terrorista".³ Entretanto, eu diria enfaticamente que há vários perigos reais associados ao constante empenho em traçar esses perfis, principalmente no tocante ao que se entende por recrutamento para o terrorismo.

Ao pressupor a existência de um perfil, tendemos a desconsiderar alguns aspectos críticos associados ao desenvolvimento do terrorista. Esses incluem, entre outros:

- A natureza gradual dos principais processos de socialização que levam ao terrorismo.
- A compreensão das qualidades de apoio associadas a determinado recrutamento (por exemplo, os fatores de "atração", ou de sedução, que levam as pessoas a se envolver com o terrorismo em um sentido geral ou aqueles atrativos positivos que são usados para preparar possíveis recrutas).
- A compreensão da migração entre papéis (por exemplo, sair de práticas secundárias, como o protesto público, para um comportamento ilegal, focado — em outras palavras, sair de um papel e assumir outro).
- A compreensão da importância das qualidades inerentes a um papel (por exemplo, que atrativos há em ser um franco-atirador em oposição a ser um

homem-bomba, e como as "qualidades" desses papéis são visíveis ao observador ou ao possível recruta?)

Ao pensar em qualidades estáticas do terrorista (uma característica dos perfis), fechamos os olhos para os fatores e as dinâmicas que moldam e sustentam a formação do terrorista. Outra conseqüência é que também deixamos de ver a base a partir da qual poderíamos desenvolver uma estratégia contraterrorista mais prática para evitar ou controlar o raio de ação daqueles que começam a se envolver com terrorismo.

Aqueles que atuam em contraterrorismo, entretanto, com freqüência baseiam-se em perfis. Ao fazer recentemente uma apresentação sobre o perfil do terrorista para uma platéia de policiais que trabalham com contraterrorismo, um alto oficial protestou, "Os perfis são úteis. É claro que são. Porque...o homem-bomba comum não será o cidadão de meia idade, branco e pai de três filhos". Essa observação foi feita no Reino Unido onde, obviamente, essa reação pode ser entendida em virtude do fato de não termos *ainda* visto um homem-bomba com esse perfil lá.

A questão aqui não é alimentar o exagero do tudo-é-possível e distorcer a ameaça, mas ter consciência de que as suposições que alimentam o que pensamos sobre o terrorista são cada vez mais baseadas em projeções de uma amostra pequena e estatisticamente insignificante de indivíduos. Os perigos da generalização exagerada deveriam ser evidentes.

Mas enfatizar essas limitações ainda não responde à pergunta crucial: Por que uma pessoa se envolve com o terrorismo e outra não? Sem dúvida, é praticamente impossível responder a essa pergunta de forma satisfatória, porém temos alguns pontos de partida úteis. Em um livro recente,⁴ identifiquei uma série do que denominei fatores de risco de predisposição para o envolvimento com terrorismo. Sem ordem específica, eles incluem:

- Experiências pessoais de vitimização (que podem ser reais ou imaginadas).
- Expectativas em relação ao envolvimento (por exemplo, os atrativos — como empolgação, missão, senso de propósito — associados ao envolvimento com qualquer grupo "fechado" e seus vários papéis).
- Identificação com uma causa, freqüentemente associada a alguma comunidade vitimizada.
- Socialização por meio de amigos ou família ou ter sido criado em um ambiente específico.
- Oportunidade de manifestar interesse e iniciativa de se envolver.
- Acesso ao grupo pertinente.

Deve-se admitir que, se tomados isoladamente, nenhum desses fatores vai ajudar a explicar por que as pessoas se tornam terroristas, porém, considerados em conjunto, eles certamente oferecem uma base para entender por que uma pessoa pode se envolver com o terrorismo e outra não.

Caminhos para o terrorismo

Para irmos além de debates um tanto estéreis e inúteis sobre a formulação de perfis, talvez seja útil considerar o que o envolvimento com o terrorismo implica e, assim, passarmos para o que chamo de caminhos mais proveitosos para iniciativas contraterroristas fundamentadas na psicologia.

O mais importante é que hoje em dia a realidade do envolvimento com o terrorismo é caracterizada por sua *complexidade*: o envolvimento com o terrorismo parece implicar — e resultar em — muitas coisas diferentes para muitas pessoas diferentes.⁵ Esse também parece ser o caso dentro de um mesmo grupo, assim como em todo o espectro de movimentos terroristas. Longe das diferenças simplistas entre líderes e seguidores, mesmo o menor dos movimentos terroristas abrange uma variedade de papéis e funções que os recrutas são designados ou encorajados a assumir, dependendo de uma infinidade de fatores. Além disso, a adoção desses papéis e a permanência neles não são descontínuas nem estáticas. Muitas vezes há uma migração entre papéis e dentro deles, que vão desde os ilegais (por exemplo, engajamento em atividade violenta), passando por áreas indeterminadas (apoio a atividades violentas), até as práticas legais (por exemplo, o protesto pacífico).

Embora muitas das atividades praticadas pelos movimentos terroristas não sejam de fato ilegais em si (e não possam ser realmente rotuladas como "terrorismo", mas talvez como "subversão"), sem elas as operações terroristas não poderiam existir.

Na maioria das vezes, normalmente associamos o engajamento em atividades violentas com terrorismo. Entretanto, a realidade dos movimentos terroristas hoje é que o mais público dos papéis e funções tende a representar simplesmente a ponta de um iceberg de atividades.

Dar apoio à execução de um atentado violento é prática dos que diretamente ajudam e cooperam com o evento, dão abrigo ao terrorista ou fornecem outros tipos de apoio, levantam fundos, geram publicidade, fornecem serviços de inteligência e assim por diante.

A pessoa que consideramos "o terrorista" está na verdade realizando somente uma dentre as múltiplas funções no movimento, embora a mais dramática em termos de conseqüências diretas.



Shakeel Adil/AP Images

Ser criado em um ambiente onde o terrorismo é admirado e associado à emoção é um fator de risco que leva ao envolvimento em atividade terrorista

Uma conseqüência da complexidade dessas questões é a óbvia necessidade de desenvolver iniciativas contraterroristas mais criativas e flexíveis. Se tivermos de ampliar o contínuo de funções associadas aos movimentos terroristas, veremos que quanto mais nos distanciamos da violência associada ao terrorismo, mais nos aproximamos da identificação de funções, cada vez mais difíceis de classificar como terroristas ou mesmo como ilegais. Em outras palavras, há muito mais nos movimentos terroristas do que "terrorismo".

Caminhos para o contraterrorismo

O modo como as pessoas se deslocam entre e dentro dos papéis (por exemplo, migração e promoção, respectivamente) é mal compreendido. De modo geral, podemos afirmar que o envolvimento com o terrorismo é um processo complexo, abrangendo fases distintas que poderiam ser condensadas, enquanto o terrorista se envolve em um processo gradual de acomodação e assimilação entre os estágios paulatinamente vivenciados.

Existe um movimento constante que impulsiona em direção a, ao longo de e, às vezes, para fora de diferentes papéis e funções. Apesar de a rapidez com que isso ocorre sempre depender de muitos fatores e alguns indivíduos parecem se envolver mais rapidamente do que outros, uma qualidade constante em todos os movimentos terroristas é essa sensação de evolução gradual. A idéia da existência de um momento de epifania que explique a decisão supostamente consciente de se tornar um terrorista é ingênua, enganosa e, principalmente, não é sustentada por evidências empíricas.

Além do mais, esse processo de movimentação inicialmente baseia-se nas qualidades de apoio: embora o terrorismo seja sempre um produto de seu próprio tempo e espaço, e múltiplas motivações coexistam mesmo nos integrantes de um único movimento, o denominador comum mais óbvio que influencia a opção dos indivíduos por sua própria radicalização — em qualquer nível — é um sentimento de expectativa positiva.

Não nos engajamos em uma conduta a menos que, para nós, ela traga algum tipo de benefício. O mesmo se aplica ao comportamento do terrorista. Às vezes isso pode se manifestar em termos de expectativas de alcançar status, autoridade, aceitação, missão e assim por diante. E, desde que o compromisso e a dedicação à imersão cada vez mais profunda no movimento continuem sendo positivos para o seguidor, isso acaba resultando na formação de uma identidade nova ou, pelo menos, efetivamente consolidada.

Se quisermos avaliar o que é a "mente do terrorista", se é que há uma, podemos imaginá-la como produto de:

- Imersão crescente em um movimento terrorista e o correspondente engajamento em atividade ilegal.
- Comportamento focado, em geral cada vez mais relevante para o contexto de um movimento terrorista.

De uma perspectiva pessoal e social, isso geralmente significa que a socialização no terrorismo, e com os associados a ele, implica um distanciamento da socialização com amigos menos importantes, família e com a vida anterior da pessoa.

Uma das diversas conseqüências que parecem surgir das distinções entre essas fases é que podemos começar a desenvolver iniciativas contraterroristas específicas para cada fase, dependendo do que considerarmos como o ponto de intervenção mais eficaz, ou seja, prevenção inicial contra envolvimento, posterior ruptura do engajamento ou possível estímulo ao desengajamento. Reconhecer essas diferenças nos levará a perceber que há tipos específicos de intervenções a serem desenvolvidos, dependendo de onde achamos que devemos concentrar nossas intervenções.

Apesar de a fase de desengajamento continuar a ser a menos entendida e menos pesquisada, eu diria que, ironicamente, é nessa fase que as iniciativas práticas de contraterrorismo — direcionadas não somente para a facilitação do desengajamento mas para a prevenção do envolvimento inicial — poderiam ser mais eficazes.

A importância do indivíduo

Apesar de o terrorismo ser, em última análise, uma atividade de grupo, esse grupo sempre envolverá indivíduos, cada um dos quais com um papel a desempenhar, como foi dito anteriormente. Embora os programas de contraterrorismo geralmente tendam a não focar em indivíduos, é precisamente com o entendimento da radicalização individual e suas qualidades sociais e psicológicas associadas que podemos ter uma idéia de que tipos de dinâmica precisam ser entendidas a fim de desenvolver formas de promover o desengajamento.⁶

Embora o terrorismo possa trazer conseqüências significativas e de larga escala, na essência ele permanece uma atividade de baixo nível, baixo volume e desproporcional, cometida por indivíduos. A importância e o impacto de larga escala do terrorismo nunca deveriam nos impedir de fazermos microanálises, tanto do terrorista como de eventos terroristas. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA

Notas Finais

1. *House of Commons Report of the Official Account of the Bombings in London on 7th July 2005* [Relatório da Câmara dos Comuns sobre o Relato Oficial dos Atentados à Bomba em Londres, em 7 de julho de 2005]. (Londres: The Stationery Office), 2006), p. 31.

2. Para uma explicação detalhada, veja *John Horgan, The Psychology of Terrorism* [A psicologia do terrorismo] (Nova York: Routledge, 2005).

3. Correspondência pessoal.

4. Para uma explicação detalhada, veja *John Horgan, The Psychology of Terrorism* [A psicologia do terrorismo] (Nova York: Routledge, 2005).

(5) Essa questão e suas implicações são discutidas em detalhes em *M. Taylor and J. Horgan, "A Conceptual Framework for Understanding the Development of Psychological Process in the Terrorist"* [Um Modelo Conceitual para Entender o Desenvolvimento do Processo Psicológico do Terrorista], *Terrorism and Political Violence*, vol. 18 (2006): pp. 1-17.

(6) O trabalho sobre essa questão foi iniciado na Universidade de St. Andrews e será publicado em 2008. Veja *John Horgan, Walking Away From Terrorism: Accounts of Disengagement From Radical and Extremist Movements* [Fugindo do Terrorismo: Relatos de Afastamento de Movimentos Radicais e Extremistas] (Nova York: Routledge, no prelo).

Teatro da Mídia de Massa

Gabriel Weimann

*Gabriel Weimann, PhD, é professor de comunicações na Universidade de Haifa, em Israel, e na Escola de Estudos Internacionais da Universidade Americana em Washington, D.C. Seu artigo baseia-se no estudo que está prestes a ser publicado, *The Psychology of Mass-Mediated Terrorism (A psicologia do Terrorismo pela Mídia de Massa)*, financiado pelo Instituto da Paz dos EUA, do qual foi pesquisador.*

Em uma sociedade democrática, quando se diz "terrorismo" também se diz "meios de comunicação". Porque o terrorismo, pela própria natureza, é uma arma psicológica que depende da comunicação de uma ameaça a uma sociedade mais ampla. É por isso, em essência, que o terrorismo e os meios de comunicação gozam de uma relação simbiótica.

—Paul Wilkinson¹

A psicologia do terror

Desde o início, o terror acarreta necessariamente um aspecto psicológico de massa: A palavra "terror" vem do termo latino "terrere," que significa "assustar ou atemorizar". Durante a Revolução Francesa de 1793, o Reinado do Terror resultou na execução de 17 mil pessoas; as execuções eram sempre realizadas diante de grandes platéias e acompanhadas por publicidade sensacionalista, espalhando assim o medo desejado entre os cidadãos com temeridade suficiente para objetar.

O terrorismo moderno pode ser compreendido em termos das mesmas exigências de produção de qualquer empreendimento teatral: cuidados meticulosos com a preparação do roteiro, seleção do elenco, cenários, acessórios, representação e direção de cena minuto a



©AP Images

A Al Qaeda faz transmissões pelo seu próprio meio de comunicação, A Voz do Califado

minuto. Assim como nas peças de teatro ou apresentações de balé, a orientação das atividades terroristas na mídia exige atenção cuidadosa aos detalhes para ser eficaz. A vítima é, no fim das contas, apenas "o couro de um tambor tocado para produzir impacto calculado sobre uma platéia mais ampla".²

Paralelamente ao aumento das oportunidades proporcionadas pela tecnologia, os próprios terroristas trataram de aperfeiçoar sua capacidade de comunicação. Conforme testemunho de um dos terroristas que orquestraram o atentado aos atletas israelenses durante os Jogos Olímpicos de Munique, em 1972:

Chegamos à conclusão de que o esporte é a religião moderna do mundo ocidental. Sabíamos que na Inglaterra e nos Estados Unidos as pessoas deixariam de assistir a qualquer programa de televisão sobre a situação dos palestinos se houvesse algum evento esportivo em outro canal. Por isso, decidimos usar suas olimpíadas, a cerimônia mais sagrada dessa religião,

*para fazer com que o mundo nos desse atenção. Oferecemos sacrifícios humanos aos vossos deuses do esporte e da televisão. E eles atenderam às nossas preces.*³

O desempenho mais poderoso, violento e perfeitamente coreografado do moderno "teatro do terror" foi o atentado de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Em novembro daquele ano, Osama bin Laden discutiu os atentados às Torres Gêmeas, referindo-se aos terroristas suicidas como "vanguardas do Islã" e achando maravilhoso que "aqueles jovens, com os atos praticados em Nova York e Washington, tivessem falado mais alto que os demais discursos do mundo inteiro. Eles foram compreendidos pelos árabes, pelos não-árabes e até pelos chineses".⁴ Mas o mais importante público-alvo de bin Laden não foi o público americano, e sim os habitantes dos países muçulmanos. A atenção dada a ele, tanto pelos meios de comunicação de massa quanto pelos líderes políticos, o guindou à figura de líder global.



Imagem de videotape exibido em site islâmico em setembro de 2004 no qual os terroristas ameaçam decapitar um refém ocidental seqüestrado

©AP Images

Em seu estudo de 2003, Brigitte Nacos argumentou que bin Laden revelara considerar o terrorismo antes de tudo um veículo para despachar mensagens — "discursos", em suas palavras —, concluindo que os americanos, em particular, tinham ouvido a mensagem pretendida com o 11 de Setembro e reagido com o impacto psicológico correto. "Lá estão os Estados Unidos, cheios de medo de norte a sul, de leste a oeste", disse ele. "Agradeço a Deus por isso."⁵

Ao atingir severamente os Estados Unidos, argumenta Nacos, os terroristas passaram a controlar a agenda global por meio da mídia de massa e mudaram o foco

da discussão do choro pelos milhares assassinados para a exploração global de suas próprias insatisfações. Talvez os perpetradores tenham alcançado sua meta global mais importante de comunicação de massa: fazer propaganda de si mesmos, suas causas, suas queixas e suas exigências.

Os alvos escolhidos para esse evento eram símbolos da riqueza, do poder e do patrimônio dos Estados Unidos. De acordo com um manual usado em campos de treinamento da Al Qaeda, a publicidade era — e muito provavelmente ainda é — fato importante a ser levado em conta. Assim, os partidários da Jihad foram aconselhados a mirar "marcos sentimentais" como a Estátua da Liberdade de Nova York, o Big Ben de Londres e a Torre Eiffel de Paris, porque sua destruição "geraria intensa publicidade".⁶

Os avanços da tecnologia da comunicação colocaram os eventos do 11 de Setembro no livro dos records como o espetáculo terrorista mais assistido até hoje.

A produção terrorista

Um dos teóricos mais influentes do terrorismo moderno foi o brasileiro Carlos Marighela, cujo "Manual do Guerrilheiro Urbano" tornou-se o livro de referência para os terroristas globais. Ele escreveu:

Seqüestrar figuras conhecidas por suas atividades artísticas, esportivas ou outras que não expressaram pontos de vista políticos pode possivelmente proporcionar uma forma de propaganda favorável aos revolucionários. ... Os meios

*de comunicação modernos, simplesmente por anunciar o que os revolucionários estão fazendo, são instrumentos de propaganda importantes. A guerra de nervos, ou guerra psicológica, é uma técnica de combate baseada no uso direto ou indireto dos meios de comunicação de massa. ... Assaltos a bancos, emboscadas, deserção e desvio de armas, resgate de prisioneiros, execuções, seqüestros, sabotagem, terrorismo e guerra de nervos são os casos apontados. Aviões desviados em pleno vôo, navios e trens assaltados e capturados por guerrilheiros também podem ser ações executadas unicamente para efeitos de propaganda.*⁷



Kurt Strumpf/AP Images

Participante do grupo de comando árabe que capturou e matou 11 membros da equipe olímpica israelense durante os Jogos Olímpicos de 1972 em Munique, na Alemanha, em pé na sacada dos alojamentos da Vila Olímpica onde eram mantidos os reféns

O surgimento de terrorismo orientado para a mídia levou vários acadêmicos a alterar conceitos em seus estudos: "Como ato simbólico, o terrorismo pode ser analisado como outro meio de comunicação, consistindo em quatro componentes básicos: transmissor (o terrorista), receptor desejado (alvo), mensagem (atentado a bomba, emboscada) e feedback (reação do público-alvo)."⁸

Ralph Dowling sugeriu aplicar o conceito de "estilo retórico", argumentando que "os terroristas se entregam a formas retóricas recorrentes que forçam a mídia a proporcionar o acesso sem o qual o terrorismo pode não cumprir seus objetivos".⁹

Algumas atividades terroristas transformaram-se de tal maneira no que J. Bowyer Bell chamou de "espetáculos terroristas"¹⁰ que podem ser melhor analisadas como "eventos de mídia". Os atentados do Hezbollah contra alvos israelenses, por exemplo, são sempre gravados em fitas, levando alguns analistas a sugerir que todas as unidades do terror consistem em no mínimo quatro membros: o perpetrador, um operador de câmera, um técnico de som e um produtor.

É claro que os terroristas planejam suas ações tendo a mídia como um fator importante. Eles selecionam alvos, local e ocasião de acordo com preferências de mídia, tentando satisfazer critérios de interesse, horários de mídia e prazos. Eles criam e preparam auxílios visuais — como filmes, videoclipes de atentados e "confissões" forçadas de reféns, entrevistas gravadas em fita e declarações de fidelidade dos perpetradores da violência — ao mesmo tempo que entregam comunicados à imprensa profissional e aos noticiários.

Os terroristas modernos alimentam a mídia, tanto direta quanto indiretamente, com propaganda disfarçada de itens de notícias. Também monitoram a cobertura, examinando atentamente as reportagens de diversos jornalistas e suas organizações de mídia. A pressão dos terroristas sobre os repórteres assume várias formas — de hospedagem aberta e amigável a ameaças diretas, chantagem e assassinatos de intimidação.

Finalmente, as organizações terroristas operam sua própria mídia, de canais de televisão (o Al-Manar do Hezbollah e A Voz do Califado da Al Qaeda), agências de notícias, jornais e revistas, canais de rádio e cassetes de vídeo e áudio a, mais recentemente, sites na internet.

A nova arena: terror na internet

Para planejar, coordenar e executar suas campanhas mortíferas, os terroristas pós-modernos tiram proveito dos frutos da globalização e da tecnologia moderna.

Não mais confinados geograficamente dentro de um território específico, nem dependentes política ou financeiramente de um determinado Estado, esses terroristas contam com técnicas de comunicação avançadas, inclusive a internet, para promover sua agenda assassina. Em 1998, menos da metade das organizações designadas como Organizações Terroristas Estrangeiras pelo Departamento de Estado dos EUA mantinha sites; no final de 1999, quase todos os grupos terroristas tinham marcado presença na internet. Hoje, todos os grupos terroristas ativos já estabeleceram pelo menos uma presença na internet, e nosso monitoramento de 1998 a 2007 revelou mais de 5 mil sites, fóruns on-line e salas de bate-papo de terroristas.¹¹

O terrorismo e a internet se relacionam de duas maneiras. Em primeiro lugar, a internet transformou-se num fórum para grupos e indivíduos espalharem mensagens de ódio e violência e para se comunicarem uns com os outros, com seus financiadores e com seus simpatizantes, enquanto lançam guerra psicológica. Em segundo lugar, tanto os indivíduos quanto os grupos já tentaram atacar redes de computadores no que ficou conhecido como ciberterrorismo ou ciberguerra. A essa altura, no entanto, os terroristas mais usam e tiram proveito da internet do que a atacam.

A comunicação por meio de computador é ideal para os terroristas: ela é descentralizada, não pode ficar sujeita a controles ou restrições, não é censurada e permite livre acesso a quem o desejar. A rede típica e elástica das

organizações terroristas modernas, composta de células, divisões e subgrupos, considera a internet ideal e vital para a formação de redes inter e intragrupos.

Os sites, no entanto, são apenas um dos serviços da internet a serem seqüestrados por terroristas; há muitas outras facilidades como e-mail, salas de bate-papo, e-grupos, fóruns e quadros virtuais de mensagens.

Muitos desses sites são usados para campanhas psicológicas contra Estados inimigos e seu poderio militar. Eles apresentam revoltante exibição da execução de reféns e prisioneiros (muitas vezes por decapitação primitiva); militares assassinados no campo por atiradores de tocaia, abatidos por mísseis portáteis; ou veículos sendo explodidos nas ruas por ataques à bomba ou por homens-bomba. As mensagens, verbais e gráficas, tentam desmoralizar e amedrontar o inimigo ou criar sentimentos de culpa, dúvida ou discórdia interna, ao mesmo tempo que comunicam uma ameaça a vários governos e suas populações. "Não importa quem matamos", dizem, "e ninguém pode se proteger". O poder deles vem da reação ao medo.

A retórica da propaganda terrorista

Um elemento comum nos sites terroristas é a justificativa dada ao uso da violência. Uma teoria útil que orienta essa análise é a teoria da "desobrigação moral" de Albert Bandura, embora não especificamente desenvolvida para terroristas,¹² os quais, como os criminosos, tentam se desobrigar ou distanciar do uso revoltante que fazem da violência pelos seguintes métodos:

- **Deslocamento da responsabilidade** — Envolve distorcer a relação entre as próprias ações e seus efeitos e/ou culpar a vítima ou as circunstâncias por ações violentas e mortes de inocentes.
- **Diluição da responsabilidade** — Isso é feito segmentando os deveres, em que cada ação individual por si só é bastante benigna, mas a totalidade é nociva. As decisões do grupo podem também ser usadas para diluir a responsabilidade individual por uma ação.
- **Desumanização de alvos** — Cometer violência contra inocentes é mais fácil se eles não forem percebidos como colegas, indivíduos humanos. Pode-se minimizar a brutalidade imposta a outros concentrando-se, em vez disso, no caráter impessoal dos atentados e no significado

simbólico dos alvos, chamando as vítimas de vermes, cães e assim por diante, e considerando-as subumanas. Osama bin Laden, por exemplo, bestializa os americanos como "povo vil" que pratica atos aos quais "o mais voraz dos animais não desceria".

- **Linguagem eufemística** — Inclui tornar respeitável uma conduta infamante e reduzir a responsabilidade pessoal referindo-se a ela em termos impessoais. Por exemplo, a Al Qaeda sempre se refere aos acontecimentos do 11 de Setembro como atentados a símbolos do poder e do consumismo dos Estados Unidos, jamais ao assassinato de cerca de 3 mil homens, mulheres e crianças.
- **Comparações vantajosas** — Uma conduta repreensível é mascarada quando comparada a outro comportamento mais ofensivo. Mais uma vez, as mortes de pessoas inocentes, inclusive crianças, nos atentados de 11 de setembro em tempos de paz são comparadas ao bombardeio atômico dos EUA no Japão para pôr fim à Segunda Grande Guerra, no qual centenas de milhares foram mortos, mas os Estados Unidos jamais foram o agressor, nem mesmo na vitória.
- **Distorção da seqüência de eventos e da atribuição de culpa** — Desconsiderar fatos ou distorcer as conseqüências de uma ação violenta contra concidadãos argumentando que um atentado terrorista foi apenas ação de represália ou medida defensiva contra provocação anterior do inimigo permite aos terroristas reduzir sentimentos pessoais de culpa. A vítima fica sendo culpada e outros são acusados de realizar ações repreensíveis, como quando reféns seqüestrados são decapitados porque seus governos não atendem às exigências dos terroristas.

Uma análise da retórica usada nos sites dos terroristas revela que a desobrigação moral mais usada é o "deslocamento de responsabilidade". A violência é apresentada de modo uniforme como uma necessidade quando se lida com um inimigo opressor, e os assassinatos e destruições resultantes são atribuídos a outros. A primeira agência de jihadistas dedicada ao terror, por exemplo, é atribuída a Alá, tentando, com isso, sanitizar o assassinato e a desordem e, ao mesmo tempo, glorificar o "martírio".

Outra estrutura retórica encontrada nos sites dos terroristas é a tentativa de legitimar os membros do grupo antiestablishment como combatentes pela liberdade e qualquer um que falar contra eles como "o verdadeiro terrorista".

Finalmente, alguns dos sites de organizações terroristas violentas estão repletos da retórica da não-violência, com mensagens proclamando "amor à paz" e apoio a uma solução diplomática. Essa mistura de imagens e argumentos é apresentada para atingir todos os públicos disponíveis.

O desafio futuro

O surgimento do terrorismo voltado para a mídia representa um duro desafio para as sociedades democráticas e os valores liberais. A ameaça não se limita à manipulação da mídia e à guerra psicológica; inclui também o perigo de restrições impostas à liberdade de imprensa e de expressão pelo que tentam combater o terrorismo.

Como devem responder as sociedades democráticas? Essa questão é extremamente sensível e delicada, pois a maior parte da retórica disseminada é considerada discurso livre protegido pela Constituição dos EUA ou por legislação semelhante em outras sociedades ocidentais.

Novas tecnologias acarretam troca de paradigma: elas valorizam os indivíduos em relação aos Estados ou sociedades por meio do livre acesso às informações e à comunicação de massa. A beleza da internet como meio de massa está em sua natureza liberal, livre e não regulada. Seu uso indevido é um dos preços inevitáveis da democracia? Devemos buscar um compromisso proativo que minimize seu abuso por terroristas, mantendo, ao mesmo tempo, as liberdades democráticas. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Notas Finais

1.P. Wilkinson, *Terrorism Versus Democracy* [Terrorismo versus Democracia] (Londres: Frank Cass, 2001).

2. A. Schmid e J. de Graaf, *Violence as Communication* [Violência como Comunicação] (Beverly Hills, CA: Sage, 1982).

3.C. Dobson e R. Paine. *The Carlos Complex: A Pattern of Violence* [O Complexo Carlos: um Padrão de Violência] (Londres: Hodder e Stoughton, 1977).

4.As notas foram tiradas das traduções de um videotape, presumivelmente feito em meados de novembro de 2001 no Afeganistão. Disponível em <http://www.washingtonpost.com/wp-srv/nation/specials>.

5.B. Nacos, "The Terrorist Calculus Behind 9-11: A Model for Future Terrorism?" [O Cálculo Terrorista por trás do 11 de Setembro: Um Modelo para o Terrorismo Futuro?] *Studies in Conflict and Terrorism* [Estudos em Conflito e Terrorismo], vol. 26 (2003): pp. 1-16.

6.Hamza Hendawi, "Terror Manual Advises on Targets." [Manual do Terror Informa sobre Alvos] disponível em http://story.news.yahoo.com/news?tmpl=story&u=/ap/20.../afghan_spreading_terror_

7.C. Marighella, "Manual do Guerrilheiro Urbano", em J. Mallin (ed.), *Terror and the Urban Guerrilla* [O Terror e a Guerrilha Urbana] (Coral Gables, FL: University of Miami Press, 1971)

8.P. Karber, "Urban Terrorism: Baseline Data and a Conceptual Framework," [Terrorismo Urbano: Dados Básicos e Estrutura Conceitual] *Social Science Quarterly*, vol. 52 (1971): pp. 527-533.

9.R.E. Dowling, "Terrorism and the Media: A Rhetorical Genre" [Terrorismo e a Mídia: um Estilo Retórico], *Journal of Communication*, vol. 56, No 1 (1986): pp. 12-24.

10.J.B. Bell, "Terrorist Script and Live-Action Spectaculars" [Roteiro e Espetáculos Terroristas ao Vivo], *Columbia Journalism Review* (maio-junho de 1978): pp. 47-50.

11.Gabriel Weimann, *WWW.Terror.Net: How Modern Terrorism Uses the Internet* [www.terror.net: Como o Terrorismo Moderno Usa a Internet] (relatório especial) (Washington D.C.: Instituto da Paz dos Estados Unidos, 2004); Gabriel Weimann, *Terror on the Internet: The New Arena, The New Challenges* [Terror na Internet: Nova Arena, Novos Desafios] (Washington, D.C.: Instituto da Paz dos Estados Unidos, 2006); Gabriel Weimann, "Virtual Disputes: The Use of the Internet for Terrorist Debates" [Disputas Virtuais: o Uso da Internet para Debates Terroristas], *Studies in Conflict and Terrorism* [Estudos sobre Conflito e Terrorismo], vol. 29, No 7 (2006): pgs. 623-639.

12.A. Bandura, "Moral Disengagement in the Perpetration of Inhumanities" ["Desobrigação Moral na Perpetração de Atos Desumanos], *Personality and Social Psychology Review* (edição especial sobre o mal e a violência), vol. 3 (1999): pp. 193-209; A. Bandura, "Selective Moral Disengagement in the Exercise of Moral Agency" [Desobrigação Moral Seletiva no Exercício da Agência Moral], *Journal of Moral Education*, vol. 31, No 2 (2002): pp. 101-119; e A. Bandura, "The Role of Selective Moral Disengagement in Terrorism and Counterterrorism" [O Papel da Desobrigação Moral Seletiva no Terrorismo e no Contraterrorismo] em F. M. Moghaddam e A. J. Marsella (eds), *Understanding Terrorism: Psychological*

Estudo de Caso: A Mitologia do Martírio no Iraque

Mohammed M. Hafez



Wathiq Khuzai/©AP Images

Forças de Operações Especiais do Iraque demonstram sua capacidade de combater terroristas em cerimônia de formatura da qual participaram o general David H. Petraeus, comandante americano no Iraque, e o primeiro-ministro iraquiano, Nouri al-Maliki

*Mohammed M. Hafez, PhD, professor visitante do Departamento de Ciência Política da Universidade de Missouri na Cidade de Kansas, lançou recentemente o livro *Suicide Bombers in Iraq: The Strategy and Ideology of Martyrdom* [Homens-Bomba no Iraque: Estratégia e Ideologia do Martírio], publicado pelo Instituto da Paz dos EUA.*

Os jihadistas no Iraque enfrentam um grande desafio de comunicação. Suas mensagens precisam atingir cinco metas: atrair potenciais recrutas dentro e fora do Iraque; justificar para a população a morte de civis e concidadãos muçulmanos em atentados insurgentes; desativar

os preceitos auto-inibidores que possam impedir seus quadros de matar civis em ataques suicidas; legitimar as organizações que se envolvem em violência; e contrapor as afirmações de autoridades do Iraque e do resto do mundo muçulmano.

Eles formulam uma série de argumentos práticos, ideológicos e teológicos para realizar essas tarefas. No entanto, para evitar sobrecarregar seu público com informações e discursos complicados, os jihadistas simplificam sua mensagem com narrativas emocionais que constroem a imagem do "mártir heróico".

Por meio de videoclipes e biografias on-line de homens e mulheres-bomba, eles exploram temas como humilhação, conluio e redenção para demonizar os inimigos e motivar seus quadros a fazer sacrifícios "heróicos". Exageram nos maus-tratos

às mulheres e apelam para a masculinidade dos homens com o intuito de envergonhá-los para que protejam suas "mães e irmãs". Esses elementos emotivos têm o objetivo de angariar apoio, não apenas de um círculo reduzido de militantes, mas também do público muçulmano de maneira geral.

As narrativas predominantes giram em torno de três temas quase sempre apresentados em seqüência, como em uma peça em três atos.

- O primeiro ato descreve a humilhação e o sofrimento dos muçulmanos no Iraque e em outros países e sugere que há uma conspiração de "cruzados" do Ocidente, cujo alvo são os muçulmanos.
- O segundo ato mostra os regimes muçulmanos existentes como impotentes e em conluio com o Ocidente, sugerindo que eles não são os verdadeiros líderes do mundo muçulmano, mas servos de seus "mestres" ocidentais.
- O terceiro ato insiste na inevitabilidade da vitória muçulmana, porque os "devotos e heróis" agem para redimir o sofrimento e a humilhação de seus concidadãos muçulmanos por meio da fé em Deus, do sacrifício no campo de batalha e da legitimidade de sua causa.

Essas três narrativas são às vezes apresentadas separadamente, mas quase sempre são combinadas para sugerir um problema, sua causa e a solução.

Este artigo explora as mitologias do martírio no Iraque, recorrendo em grande parte à literatura dos jihadistas desde o início da insurgência iraquiana.

Isso inclui vídeos, gravações de áudio, biografias de homens e mulheres-bomba, revistas e imagens on-line. Ênfase especial é dada à maneira como os jihadistas retratam os "mártires" caídos. Ao elevar homens e mulheres-bomba ao status de seres de extraordinária moral que fazem o supremo sacrifício por Deus e pela nação muçulmana, os jihadistas desviam a atenção das atrocidades que cometem e das vítimas que fazem.

É preciso deixar claro desde já que o retrato de homens e mulheres-bomba nos vídeos e nas biografias é altamente propagandístico. O objetivo de focar nas mitologias do martírio é mostrar como os grupos procuram atingir várias metas de comunicação por meio da manipulação de narrativas, e não sugerir que essas mitologias refletem a verdade.

Contexto

Desde 2003, o número de atentados suicidas à bomba no Iraque foi superior à soma de todos os do Hamas em Israel, do Hezbollah no Líbano e dos Tigres Tâmeis no Sri Lanka. A maioria esmagadora deles teve como alvo as Forças de Segurança iraquianas e os civis xiitas, não as forças da Coalizão. Muitos, se não a maioria, dos perpetradores desses atentados suicidas à bomba são voluntários não iraquianos. A maioria está vinculada a redes da Jihad associadas a jihadistas de "segunda geração" treinados no Afeganistão durante a década de 1990, militantes que fugiram da prisão em seus países de origem ou nos países em que viviam e novos recrutas revoltados com o sofrimento dos muçulmanos no Iraque.

Os insurgentes iraquianos contam com um conjunto diversificado de instrumentos táticos, dos quais os mais letais são os artefatos explosivos improvisados (IEDs) e os carros-bomba dirigidos por homens-bomba. No entanto, os insurgentes também intimidam os "colaboradores", como tradutores e trabalhadores braçais empregados pelas forças de Coalizão; sabotam estações elétricas, dutos e instalações de petróleo e água e projetos de reconstrução; lançam projéteis de morteiros e foguetes improvisados nas posições da Coalizão e disparam foguetes terra-ar contra aviões e helicópteros; seqüestram cidadãos locais e estrangeiros para obter resgate ou para executá-los e também membros dos serviços de segurança e "espões" para interrogá-los e executá-los; e realizam ataques suicidas usando coletes explosivos.



Adem Hadei/AP Images
Soldados iraquianos inspecionam carro destruído em ataque em Baqouba, no Iraque, em abril de 2007. O homem-bomba matou um menino de 12 anos e feriu outros nove civis



Khalid Mohammed/©AP Images

Fotos de familiares de 18 crianças mortas por atentado de carro-bomba em bairro xiita de Bagdá ao lado de retratos de seus filhos durante comemoração com a participação de autoridades do governo iraquiano em julho de 2005

Os insurgentes também atacam organizações internacionais como as Nações Unidas, agências não-governamentais como a Cruz Vermelha e representantes de governos estrangeiros. Eles atacaram as embaixadas da Jordânia e da Turquia e mataram diplomatas argelinos, egípcios e russos.

Há uma lógica estratégica que explica por que os insurgentes atacam esses alvos. A expansão da violência visa espalhar insegurança entre as pessoas, gerar polarização sectária e produzir o colapso econômico. Todos esses resultados deslegitimam a nova ordem; permitem que os insurgentes se coloquem como os únicos protetores dos sunitas, conseguindo assim comandar seu apoio; e criam um Estado falido no qual a autoridade central não tem monopólio sobre o uso da força coerciva, o que permite aos jihadistas, com uma agenda que vai além do Iraque, estabelecer uma base para operações, recrutamento e treinamento.

Justificativas para os ataques suicidas

A Al Qaeda assumiu a responsabilidade por 30% dos ataques suicidas com autoria reivindicada no Iraque até fevereiro de 2006. Desde outubro de 2006, o Estado Islâmico do Iraque, estabelecido como organização de fachada para a Al Qaeda no Iraque, assumiu a responsabilidade por quase todos os ataques suicidas no país.

Abu Dujana al-Ansari, comandante da Brigada Al-Bara Bin Malik da Al Qaeda (esquadrão de ataques suicidas), justifica os atentados contra "o mais forte e avançado exército dos tempos modernos" em montagem dedicada a Abu Musab al-Zarqawi, líder terrorista morto. Al-Ansari diz que a brigada suicida foi

criada seguindo os primeiros conselhos de Osama bin Laden para aterrorizar o inimigo e penetrar em suas defesas com o intuito de desmoralizar seus soldados.

Mas como eles justificam os ataques contra seus concidadãos muçulmanos? Os insurgentes no Iraque, não apenas aqueles associados à Al Qaeda, respondem que as Forças de Segurança iraquianas são uma mera extensão das forças de ocupação. Além disso, a Al Qaeda argumenta que as milícias xiitas atacam, torturam e matam sunitas; cometem abusos e os humilham nos postos de controle; e servem de espíãs para as forças de ocupação. Muitos de seus vídeos são dedicados a esse tema. Ao justificar os atentados contra as autoridades iraquianas no poder, os nacionalistas e os insurgentes da Jihad Salafista argumentam que esse é um governo ilegítimo — na verdade, um regime

de marionetes — que chegou ao poder com a ajuda dos inimigos e só governa porque as forças de Coalizão permitiram, apesar do processo eleitoral democrático.

Secularismo, nacionalismo e xiismo são retratados como instrumentos de uma trama nefanda liderada por "cruzados" e "sionistas". Os argumentos dos jihadistas são: o secularismo, eles dizem, divide o mundo em esferas religiosas e não religiosas, o que é antiético para o islamismo como violação da soberania de Deus sobre o certo e o errado, o permitido e o proibido; o nacionalismo, por sua vez, fomenta identificações estreitas com língua, terra e fronteiras, não uma unidade mais ampla entre a comunidade de muçulmanos fiéis; e o xiismo, afirmam os jihadistas, dá ascendência a um credo herético, e os xiitas são apresentados como o instrumento mais perigoso contra os fiéis verdadeiros porque "parecem" islâmicos, mas, na realidade jihadista, odeiam os seguidores da suna e aguardam a oportunidade de traí-los.

Essas justificativas ideológicas destinam-se a um reduzido grupo de jihadistas comprometidos que podem questionar determinadas táticas ou alvos dos insurgentes, em especial quando se trata de ataques indiscriminados aos concidadãos muçulmanos. Na medida que esses argumentos altamente controversos são produzidos para o público muçulmano mais amplo, eles normalmente são acompanhados de imagens vívidas e narrativas emocionais que chocam a consciência moral dos muçulmanos, demonizam os xiitas e as Forças de Segurança do Iraque e intensificam a sensação de ameaça aos muçulmanos em todo o mundo.

Os insurgentes no Iraque não dependem unicamente da força da ideologia para mobilizar apoio para o martírio. Eles

também procuram ir além das diferenças ideológicas e políticas, apelando para temas emocionais e pessoais inculcados na cultura e no etos de árabes e muçulmanos. Suas narrativas giram em torno de três temas: humilhação, impotência devido a conluio e redenção por meio da fé e do sacrifício.

Humilhação

No centro das narrativas está o tema da humilhação pelas mãos de poderes insensíveis e arrogantes. Imagens de humilhações coletivas quase sempre começam com cenas da fase inicial do combate no Iraque em 2003, descrevendo a assimetria no poder e mostrando fotografias com apelo emocional de mesquitas destruídas, vítimas ensanguentadas e batidas em casas. Essas e, acima de tudo, as imagens da prisão de Abu Ghraib personalizam o sofrimento e intensificam a sensação de impotência e indignação de muitos muçulmanos.

As imagens do Iraque são normalmente combinadas com aquelas de outros conflitos em áreas muçulmanas, em especial na Palestina. A intenção é passar duas mensagens. A primeira é que o sofrimento e a humilhação dos muçulmanos no mundo não são episódios desconectados, mas uma cadeia de transgressões cometidas por uma "aliança de cruzados e sionistas". Essa mensagem reforça a sensação de ameaça para justificar medidas extraordinárias visando combater a conspiração contra o Islã.

A segunda mensagem é que o Iraque é o campo de batalha central onde deve ser travada a guerra contra os inimigos do islamismo. Lutar no Iraque, na verdade, é a mesma coisa que lutar na Palestina, na Chechênia, na Caxemira, na Arábia Saudita e em outros lugares do mundo muçulmano, pois, para os jihadistas, todas essas são uma única batalha, não guerras isoladas. Ao mostrar o conflito sob essa perspectiva, os insurgentes podem convocar jihadistas de todas as partes do mundo para irem ao Iraque, alegando que uma vitória lá é uma vitória em toda terra muçulmana.

Os jihadistas também apegam-se muito ao tema da desonra feminina e do sofrimento nas mãos de estrangeiros e das Forças de Segurança do Iraque. Imagens de mulheres em pânico enquanto soldados invadem suas casas para procurar insurgentes; vídeos de mulheres sendo revistadas; rumores de mulheres seqüestradas ou detidas, quando sofrem humilhações ou agressões ainda piores; e histórias de mulheres sendo entregues pelas forças iraquianas como reféns para serem trocadas por insurgentes procurados são comuns nas narrativas jihadistas. Sem dúvida, essas imagens apelam para as noções de masculinidade que permeiam a cultura tribal, na qual *sharaf* (nobreza), *'ird* (honra) e *muruah* (bravura ou virilidade) são de vital importância. Essas noções de masculinidade são quase sempre julgadas pela proteção

zelosa e pelo controle sobre as mulheres, para que elas não corram o risco de se perder em suas relações com homens e, portanto, de envergonhar toda a família ou a tribo.

Impotência e conluio

Parte da narrativa destina-se a mostrar a "arrogância" das forças da Coalizão e o suposto conluio dos governos muçulmanos. Os vídeos dos insurgentes quase sempre usam o clipe do presidente George W. Bush a bordo de um porta-aviões americano declarando vitória no Iraque. Isso é normalmente seguido de cenas de soldados americanos marchando nas ruas do Iraque ou entrando nos palácios de Saddam Hussein. De vez em quando, é possível ver a imagem famosa de um soldado americano colocando a bandeira americana no topo da estátua de Saddam em Bagdá.

A seguir vêm as imagens que mostram líderes árabes — Rei Abdullah na Arábia Saudita, Rei Abdullah II na Jordânia, Hussni Mubarak no Egito e a liderança iraquiana após a invasão (Iyad Alawi, Ibrahim al-Jaafari, Jalal Talabani e Abdel Aziz al-Hakim, entre outros) na companhia de autoridades da Coalizão, do presidente Bush e do primeiro-ministro britânico Tony Blair. Esses líderes aparecem sorrindo e às vezes se abraçando. Outras imagens incluem líderes árabes e/ou ocidentais na companhia de líderes israelenses, em especial uma foto de 2004 do presidente Bush apertando a mão do ex-primeiro-ministro israelense Ariel Sharon na Casa Branca durante o levante de Al-Aqsa, também conhecido como a segunda intifada (2000-2005).

Essas imagens são importantes por cinco razões:

- Primeiro, elas retratam qualquer pessoa que esteja trabalhando para o governo iraquiano como alguém em conluio com o Ocidente. Aqueles que persistem nesse conluio, portanto, são "inimigos legítimos" e podem ser mortos sem remorso.
- Segundo, ao mostrar esses líderes como "marionetes" a serviço de forças estrangeiras, elas enfraquecem sua crítica moral aos jihadistas e suas táticas — quem são eles para questionar a legitimidade dos insurgentes?
- Terceiro, retratar esses governos como impotentes explica a necessidade de outros muçulmanos se apresentarem para lutar em seu lugar. A Jihad, portanto, torna-se uma obrigação individual (*fard_ 'ayn*), porque os governos existentes supostamente abdicaram de seu dever de proteger as terras muçulmanas e libertá-las dos infiéis.
- Quarto, ilustrar que os jihadistas não têm o apoio ou os recursos de governos oficiais justifica suas demandas por medidas extraordinárias e conclamações por martírio.



©AP Images
Vítima de homem-bomba é levada a hospital no norte do Iraque em fevereiro de 2004. Pelo menos 57 pessoas foram mortas e mais de 250 foram feridas no atentado

- Por fim, essas imagens retratam a luta no Iraque em termos mais amplos do que simplesmente liberar o país da ocupação estrangeira. Ao contrário, ela é representada como uma luta para substituir todos os regimes "corruptos" e "mercenários" que atualmente governam o mundo muçulmano por outros que sejam verdadeiramente islâmicos.

Redenção por meio da fé e do sacrifício

O primeiro e o segundo atos perdem força se não forem seguidos do terceiro ato, que apresenta a solução: salvação e redenção de todos os muçulmanos por meio da fé em Deus e do desejo de se sacrificar em Seu caminho.

Um elemento importante no terceiro ato é a mitologia que cerca o martírio e os mártires. A Al Qaeda no Iraque promove a imagem de um muçulmano heróico, disposto a fazer o sacrifício extremo para redimir sua nação e vingar o sofrimento pessoal infligido a muçulmanos indefesos, em especial às mulheres. A propaganda em torno dos "mártires" é divulgada em publicações na web, vídeos de operações e na revista on-line da Al Qaeda, intitulada *Biographies of Eminent Martyrs* [Biografia de Mártires Eminentes].

Essas produções — quase sempre pequenas, contraditórias nas informações que apresentam e altamente propagandísticas — revelam no mínimo quatro temas que compõem a mitologia do martírio:

- Devoção sincera à religião.
- Disposição de sacrificar riqueza e laços pessoais em nome de Deus.
- Anseio de executar uma "operação de martírio".
- Sucesso nas operações de sacrifício.

Devoção sincera ao islamismo: os vídeos de insurgentes estão repletos de imagens de muçulmanos devotos rezando, entoando "Deus é grande" (allahu akbar), mesmo que estejam no meio de uma operação como "plantar" um artefato explosivo improvisado (IED). Homens e mulheres-bomba, em particular, são quase sempre retratados como pessoas profundamente religiosas. As biografias costumam descrever em detalhes como o "mártir" orava sem parar, passava seu tempo lendo ou memorizando o Alcorão e ia além das obrigações religiosas em suas expressões voluntárias de devoção.

A ênfase na sinceridade da devoção é importante, porque os ataques suicidas à bomba só podem ser considerados martírios se os suicidas forem muçulmanos praticantes lutando pela fé em Deus e morrendo por Sua causa. Não se pode esperar receber as recompensas do martírio se a motivação não for unicamente o amor de Deus e o esforço para seguir Seu caminho. Talvez o mais importante seja o fato de os salafistas da Jihad terem consciência de que os governos muçulmanos tentam retratar os jihadistas como indivíduos "pervertidos" e desencaminhados que sabem pouco sobre o islamismo e foram doutrinados para realizar os atentados suicidas. Enfatizar a religiosidade dos homens e mulheres-bomba, portanto, é a tentativa da Al Qaeda de contrapor essas afirmações.

Disposição para sacrificar riqueza pessoal e laços familiares: a propaganda da Al Qaeda retrata os "mártires" como pessoas que renunciaram a todas as coisas queridas para cumprir sua obrigação maior: Jihad e martírios. Ela afirma que muitos dos homens e mulheres-bomba são de famílias ricas ou fizeram sacrifícios pessoais, como vender seus carros, fazer uso de suas poucas economias ou depender de doações para fazer a viagem ao Iraque. Muitas biografias fazem uso das imagens poderosas de um pai deixando seu filho recém-nascido ou um marido deixando sua mulher para lutar e morrer em busca de Deus.

Essas narrativas têm o objetivo de inspirar outras pessoas e definir um novo padrão de devoção à fé. Elas demandam que para ser um bom muçulmano não é suficiente rezar regularmente e cumprir suas obrigações ritualísticas. É preciso fazer todo o esforço necessário para alcançar a terra da Jihad e por ela morrer.



Em agosto de 2004 o Exército de Ansar Al-Sunna afirmou em seu site que este era um dos 12 trabalhadores nepaleses seqüestrados no Iraque

Anseio de realizar uma "operação de martírio": repetidas vezes lemos nas biografias que os "mártires" anseiam morrer no caminho de Deus e ficam frustrados quando isso lhes é negado ou postergado. Quase todos os cliques mostram homens e mulheres-bomba felizes: eles normalmente despedem-se acenando, com um sorriso nos lábios enquanto correm para os veículos carregados de explosivos, refletindo o tema de júbilo no sacrifício e certeza das recompensas que receberão no paraíso.

Esse tema de anseio e júbilo pretende mostrar que os homens e as mulheres-bomba não são coagidos nem submetidos a lavagem cerebral para realizar os atentados suicidas. Os canais via satélite iraquianos, no entanto, com frequência transmitem "confissões" de sobreviventes de atentados fracassados que afirmam que não sabiam que estavam prestes a participar de uma operação suicida, porque uma outra pessoa estava no controle do detonador enquanto eles pensavam estar simplesmente entregando o caminhão em seu destino. Alguns dizem que tiveram suas mãos algemadas ao volante do veículo e outros afirmam terem recebido drogas e material pornográfico para se sentirem excitados e irem ao encontro de virgens celestiais. O tema do anseio de morrer, portanto, visa dissipar essas alegações e elevar o status de homens e mulheres-bomba ao de mártires fiéis e heróicos totalmente em controle de suas escolhas e seus destinos.

Sucesso nas operações de martírio: invariavelmente, as biografias dos mártires enfatizam, ou muitas vezes exageram, o sucesso das missões suicidas na tentativa de assegurar a potências recrutadas que seus sacrifícios profanos não serão em vão. O número de "apóstatas", "cruzados" e "agentes da CIA"

considerados mortos em operações individuais fica quase sempre na casa das centenas. Encontram-se repetidas alegações de que homens e mulheres-bomba mataram mais do que foi noticiado pela mídia, que "confia nos números americanos". É comum ouvir que os americanos jogam seus mortos em rios ou covas cavadas às pressas para esconder suas baixas reais. Dado seu "sucesso", os biógrafos chamam cada operação de "conquista" (ghazwah), como a ghazwit al-Nasiriyah (ataque às forças italianas em Nasiriyah, que matou 31 pessoas). O termo ghazwah é uma alusão intencional às batalhas do início da história islâmica, quando os muçulmanos lutaram e acabaram triunfando sobre os infieis.

Para entender as manobras

As mitologias do martírio não são suficientes para explicar todos os atentados à bomba no Iraque. No entanto, ideologia, concepção religiosa e narrativas emocionais ajudam a explicar como os jihadistas desativam preceitos auto-inibitórios contra assassinato e lesão corporal dolosa que lhes permitem aparecer como agentes da moralidade mesmo quando agem de modo imoral.

As justificativas para matar concidadãos muçulmanos estão ancoradas em narrativas emocionais e pungentes que vinculam o sofrimento e a humilhação dos muçulmanos ao que é retratado como o conluio de líderes muçulmanos impotentes e seus agentes com opressores do Ocidente, os quais, afirmam os extremistas, estão tentando destruir o islamismo e subjugar as terras muçulmanas. Ao colocar a luta nesses termos, os jihadistas fazem parecer lógico que um quadro "heróico" precise agir, redimir a honra da nação e apagar a vergonha da humilhação atacando aqueles que trabalham com o inimigo.

Entender essas manobras é um passo importante para combater o terrorismo. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Novos Paradigmas para o Conflito do Século 21

David J. Kilcullen



Hussein Malla/©AP Images

A força multinacional que monitorou o cessar-fogo após a guerra entre Israel e o Hezbollah em 2006 é um exemplo da recente cooperação entre a comunidade internacional para abordar os novos tipos de conflito surgidos no século 21. Aqui, o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, agradece a homens e mulheres de 30 países que participaram desse esforço

David J. Kilcullen, PhD, ex-tenente-coronel do Exército australiano, é assessor sênior contra insurgências do general comandante da Força Multinacional – Iraque. Ele serviu anteriormente como principal estrategista da Coordenadoria de Contraterrorismo do Departamento de Estado dos EUA e como assessor especial do Pentágono para guerra irregular e contraterrorismo na Revisão Quadrienal da Defesa de 2006. Kilcullen contribui com regularidade para o blogue Small Wars Journal. Este artigo, assim como suas postagens, reflete unicamente seu ponto de vista pessoal.

A pesar de nossa percepção a posteriori um tanto fantasiosa da Segunda Guerra Mundial, havia na época opiniões contraditórias sobre os objetivos, o modo de condução e a estratégia dessa guerra. Mas praticamente ninguém discordava de que fosse de fato uma guerra ou de que as forças do Eixo fossem o inimigo/os agressores.

Comparem isso com a guerra contra o terrorismo. Alguns

defendem a idéia de que o conflito pode ser definido como guerra; outros questionam a realidade da ameaça. Críticos de extrema esquerda culpam os interesses industriais americanos, enquanto uma parcela lunática considera o 11 de Setembro de 2001 como uma enorme conspiração auto-infligida. De maneira mais séria, as pessoas discordam sobre o inimigo. Será a Al Qaeda uma ameaça real ou uma criação da paranóia e da reação exagerada do Ocidente? Será ela uma verdadeira organização? A Al Qaeda é um movimento de massa ou simplesmente uma filosofia, um estado mental? O inimigo todo é o terrorismo? Será o extremismo? Ou o próprio islamismo é de alguma forma uma ameaça? É um problema primordialmente militar, político ou de civilização? O que seria considerado "vitória"? Esses princípios são discutidos de uma forma como jamais foram os conflitos anteriores (exceto possivelmente a Guerra Fria).

Na verdade, a ameaça da Al Qaeda é real demais. Mas surge a ambigüidade, porque esse conflito rompe com os paradigmas existentes — inclusive as noções de "guerra", "diplomacia", "inteligência" e até mesmo "terrorismo". Como, por exemplo, podemos travar uma guerra contra atores não estatais escondidos em países com quem estamos em paz? Como podemos trabalhar com aliados cujos territórios dão abrigo seguro a oponentes não estatais? Como derrotar inimigos que aproveitam os instrumentos da globalização e das sociedades abertas sem destruir justamente o que buscamos proteger?

Um novo paradigma

O general britânico Rupert Smith argumenta que guerra — definida como uma guerra industrial entre exércitos de nações, onde o embate de armas determina o resultado — não existe mais e que, em vez disso, estamos em uma era de "guerra



Em um armazém na periferia de Amã, capital da Jordânia, trabalhadores guardam cobertores doados pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional para serem distribuídos no Iraque

"expedicionários": a Al Qaeda formou uma equipe no país A, preparou-se no país B e infiltrou-se clandestinamente no país C para atacar um alvo. Em resposta, reforçamos a segurança nos transportes, a proteção da infra-estrutura e os controles da imigração. Por sua vez, os terroristas desenvolveram uma abordagem de "guerrilha" onde, em vez de formar uma equipe em local remoto e inseri-la secretamente para atacar, reuniram uma equipe perto do alvo, utilizando cidadãos locais do país anfitrião. Os bombardeios em Madri e Londres e os ataques em Casablanca, Istambul e Jeddah seguiram esse padrão, assim como o complô frustrado contra as companhias aéreas de Londres no terceiro trimestre de 2006.

Esses atentados muitas vezes são descritos como "planejados no país", no entanto, foram inspirados, explorados e até certo ponto orientados pela Al Qaeda. Por exemplo, Mohammed Siddeque Khan, líder do atentado de 7 de julho de 2005 em Londres, viajou para o Paquistão e provavelmente reuniu-se com representantes da Al Qaeda para buscar orientação e treinamento bem antes do bombardeio.⁴ Mas a nova abordagem invalidou temporariamente nossas medidas — em vez de contrabandear 19 pessoas para dentro do país, os terroristas enviaram um homem para fora — esquivando-se de nossos novos procedimentos de segurança. Os terroristas tinham se adaptado à nossa nova abordagem desenvolvendo novas técnicas próprias.

Naturalmente, agora estamos atentos a esse método de

"guerrilha", como demonstrou o fracasso das tramas de agosto de 2006 no Reino Unido e outros recentes atentados em potencial. Mas os terroristas com certeza já estão desenvolvendo novos procedimentos adaptáveis. No contraterrorismo, métodos que funcionam já estão, quase por definição, obsoletos: nossos oponentes evoluem tão logo dominamos sua abordagem atual. Não há nenhuma "bala de prata". Semelhante à malária, o terrorismo adquire constantemente novas mutações, exigindo a atualização contínua de uma bateria de respostas.

Cinco passos práticos

Ao responder a essa forma contra-intuitiva de guerra, os Estados Unidos adotaram duas medidas até aqui.

Em primeiro lugar, aperfeiçoamos as instituições existentes (por meio

de processos como reforma da inteligência, criação do Departamento de Segurança Interna e capacitação adicional para guerra "irregular" — isto é, não tradicional — no Departamento de Defesa). Em segundo lugar, começamos a desenvolver novos paradigmas mais adequados à nova realidade. Esses paradigmas ainda estão por vir, embora alguns deles — como a idéia de tratar o conflito como um problema de contra-insurgência em grande escala, exigindo primordialmente respostas não militares, somadas a medidas para proteger populações sujeitas à influência do inimigo — já tenham ganhado impulso.⁵

Mas, em certo sentido, os formuladores de políticas atualmente são em parte como os chamados "Chateau Generals" da Primeira Guerra Mundial — enfrentam uma forma de conflito que invalida a sabedoria comum, exatamente como os generais enfrentaram o "enigma das trincheiras" entre 1914 e 1918. Tal como eles, enfrentamos um ambiente de conflito transformado por novas condições tecnológicas e sociais, para as quais não servem as organizações e os conceitos atuais. Assim como eles, temos "soluções provisórias", mas temos de desenvolver tecnologias, organizações e conceitos inovadores — como a blitzkrieg da década de 1930 — para resolver o enigma desse novo ambiente de ameaças.

Não há solução fácil (se houvesse, já a teríamos descoberto), mas é possível sugerir uma saída. Isso envolve três passos conceituais para desenvolver novos modelos e, simultaneamente,

dois passos organizacionais para criar capacitação para essa forma de conflito. Não se pretende dar uma prescrição, mas apenas uma abordagem possível. E as idéias apresentadas não são especialmente originais — porém, esta proposta reúne idéias já existentes e as integra em uma abordagem de políticas.

1. Desenvolver um novo léxico: O professor Michael Vlahos salientou que a linguagem que usamos para descrever as novas ameaças impede as idéias inovadoras.⁶ Nossos termos são baseados em fórmulas negativas; eles definem aquilo que o ambiente não é, em vez de dizer o que é. Eles incluem termos descritivos como não convencional, não estatal, não tradicional, não ortodoxo e irregular. A terminologia, sem dúvida alguma, influencia nossa capacidade de pensar claramente. Uma razão pela qual os planejadores no Iraque podem ter encarado "importantes operações de combate" (Fase III) como sendo decisivas, não percebendo que nesse caso a fase pós-conflito seria realmente crucial, é o fato de a Fase III ser decisiva por definição. Seu nome completo doutrinário é "Fase III — Operações Decisivas". Para pensar com clareza sobre novas ameaças, precisamos de um novo léxico baseado nas características reais, observadas em inimigos verdadeiros que:

- reúnem terrorismo, subversão, trabalho humanitário e insurgência para apoiar a propaganda destinada a manipular as percepções de públicos locais e globais;
- agregam os efeitos de muitos atores da base da sociedade, espalhados por muitos países, em um movimento de massa maior do que a soma de suas partes, com liderança dispersa e funções de planejamento que nos privam de alvos detectáveis;
- exploram a velocidade e a ubiquidade dos meios de comunicação modernos para mobilizar patrocinadores e simpatizantes, com mais rapidez do que os governos podem acompanhar;
- exploram sistemas de crença enraizados, baseados em identidade religiosa, étnica, tribal ou cultural para criar reações extremamente letais e não racionais entre grupos sociais;
- aproveitam abrigos seguros, como áreas sem governo ou mal governadas (no espaço físico ou cibernético); pontos cegos ideológicos, religiosos ou culturais; ou brechas legais;
- utilizam atentados simbólicos de ampla repercussão para provocar reações extremas que prejudicam os interesses dos Estados-nação no longo prazo;
- realizam grande número de atos de provocação de baixo custo e em pequena escala para nos exaurir, provocando esforços de contenção, prevenção e reação em dezenas de áreas remotas.

Essas características do novo ambiente poderiam gerar um léxico para descrever melhor a ameaça. Visto as novas ameaças não serem estatais, a base para nossa abordagem não deveria ser as relações internacionais (o estudo de como os Estados-nação interagem em estruturas estatais) e sim a antropologia (o estudo dos papéis sociais, grupos, status, instituições e relações dentro dos grupos de populações humanas, em estruturas não estatais e de não-elites).

2. Conseguir a estratégia global correta: Se essa confrontação é baseada em tendências há muito existentes, conclui-se que será uma luta longa, de toda uma geração ou de muitas gerações. Isso significa a necessidade de um olhar abrangente no tempo e no espaço⁷, que leve em conta a melhor forma de conectar todas as partes integrantes do poder nacional, inclusive o setor privado e a comunidade como um todo. Portanto, precisamos de uma estratégia global passível de ser apoiada pelo povo americano, por sucessivos governos dos EUA, pelos principais aliados e por parceiros do mundo todo. A formulação dessa estratégia global de longo prazo envolveria quatro decisões cruciais:

- Decidir se nossos interesses são mais bem atendidos mediante intervenção e tentativa de minorar o processo de fermentação política e religiosa no mundo muçulmano ou, ao contrário, procurar conter quaisquer reflexos da violência ou perturbação nas comunidades ocidentais. Essa escolha é semelhante à opção entre "rechaçar" e "conter" na Guerra Fria e é um elemento primordial para delinear uma resposta duradoura.
- Decidir como alocar recursos entre elementos militares e não militares do poder nacional. Nossos gastos e esforços atuais são predominantemente militares; por outro lado, uma abordagem de "contra-insurgência global" sugeriria que cerca de 80% deveriam ir para atividades políticas, diplomáticas, de desenvolvimento, de inteligência e informações e aproximadamente 20% para a atividade militar. A adequação dessa abordagem depende de nossa decisão entre intervenção e contenção.
- Decidir quanto gastar (em recursos e vidas) com esse problema. Isso exigirá uma avaliação do risco, levando em conta a probabilidade e as conseqüências de futuros atentados terroristas. Essa decisão deve também levar em conta quanto deve ser gasto com segurança sem impor uma carga insustentável de despesas sobre nossas sociedades.
- Decidir como priorizar os esforços do ponto de vista geográfico. No momento, a maioria dos esforços é

direcionada para o Iraque, uma parte bem menor para o Afeganistão e menos ainda para todas as outras áreas. Isso se explica em parte porque nossos gastos são predominantemente militares e escolhemos intervir no coração do mundo islâmico. Escolhas diferentes entre decisões militares/não militares e intervenção/contenção poderiam resultar em prioridades regionais bem diferentes com o tempo.



Irwin Fedriansyah/© AP Images
Soldados de muitas nações aderiram à luta internacional contra o terrorismo, inclusive estes soldados de elite indonésios que aplaudem seus companheiros durante um exercício de combate ao terrorismo realizado fora de Jacarta em 2006

É claro que as particularidades de qualquer estratégia do governo variarão em resposta ao desenrolar de uma situação. De fato, tal agilidade é essencial. Mas chegar a um consenso sustentável, em âmbito nacional ou internacional, sobre as quatro decisões cruciais relacionadas acima daria uma base duradoura para as políticas no decorrer de sucessivos governos.

3. Remediar o desequilíbrio na capacidade do governo:

Atualmente, o orçamento de defesa dos EUA responde por cerca de metade dos gastos totais da defesa global, enquanto as Forças Armadas dos EUA empregam aproximadamente 1,68 milhão de membros uniformizados.⁸ Em comparação, o Departamento de Estado emprega cerca de 6 mil funcionários do Serviço de Relações Exteriores e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) tem cerca de 2 mil.⁹ Em outras palavras, o Departamento de Defesa é aproximadamente 210 vezes maior do que a USAID e o Departamento de Estado juntos — o número de músicos empregados nas bandas do Departamento de Defesa é maior do que de todo o pessoal do Serviço de Relações Exteriores.¹⁰

Isso não é uma crítica ao Departamento de Defesa — os serviços armados requerem mais mão-de-obra e capital e sempre são maiores do que as agências diplomáticas ou de ajuda. Mas, considerando a importância, nesta forma de conflito, do desenvolvimento, da diplomacia e da informação (a Agência de Informações dos Estados Unidos foi abolida em 1999 e os

números do Departamento de Estado incluem o bureau que a sucedeu), existe um claro desequilíbrio entre elementos de capacidade militares e não militares. Isso cria uma distorção na política e é incomum segundo as normas globais. Por exemplo, o contingente militar da Austrália é aproximadamente nove vezes maior do que a soma de suas agências diplomáticas e de ajuda: o braço militar é maior do que os outros elementos do poder nacional, porém não 210 vezes maior.

O Departamento de Defesa tem o mérito de reconhecer os problemas inerentes a esse desequilíbrio e declarou isso na Revisão Quadrienal da Defesa de 2006.¹¹ E o governo Bush tem programas em andamento para aumentar a capacidade não militar. Mas para obter sucesso no longo prazo, precisamos manter o compromisso de construir elementos não militares do poder nacional. O chamado poder brando — como a força econômica do setor privado, a reputação nacional e a confiança cultural — é crucial, porque o poder militar sozinho não pode compensar suas perdas.

Esses três passos conceituais levarão tempo (uma boa razão, a propósito, para dar início a eles). Mas, enquanto isso, dois passos organizacionais podem preparar o caminho:

4. Identificar os novos "serviços estratégicos": Um papel de liderança na guerra contra o terrorismo recaiu sobre as Forças de Operações Especiais (SOFs), devido à sua capacidade de ação direta contra alvos em áreas remotas ou

de acesso negado. Enquanto isso, Max Boot¹² argumentou que precisamos outra vez de algo como o Escritório de Serviços Estratégicos (OSS) da Segunda Guerra Mundial, que incluía análise, inteligência, antropologia, operações especiais, informações, operações psicológicas e capacidade tecnológica.

Questão de adjetivos: Forças Especiais versus Serviços Estratégicos. As SOFs são especiais. Elas são definidas por comparação interna com o resto das Forças Armadas — as SOFs realizam tarefas "além das capacidades" das forças com objetivos gerais. Ao contrário, o OSS era estratégico. Foi definido em relação a um ambiente externo e realizava tarefas de importância estratégica, adquirindo e abandonando capacidades, conforme fosse necessário. As SOFs são quase inteiramente militares; o OSS era um órgão interagências com considerável número de componentes civis e quase todo seu pessoal militar era de soldados alistados em caráter emergencial para a guerra (civis talentosos com conhecimentos relevantes do ponto de vista estratégico, alistados para o período de duração da guerra).¹³ As SOFs têm sua origem no OSS; ainda assim, enquanto as SOFs de hoje são forças militares de elite com capacidades altamente especializadas otimizadas para sete missões-padrão,¹⁴ o OSS era uma organização mista civil-militar que executava qualquer missão exigida pelo ambiente, construindo capacidades conforme a necessidade.

Identificar que capacidades constituem serviços estratégicos atualmente seria um passo importante para priorizar os esforços interagências. Entre as capacidades para lidar com ameaças de base, e não das elites, estão inteligência cultural e etnográfica, análise dos sistemas sociais, operações de informação (veja abaixo), equipes humanitárias e de governança para intervenção rápida ou grandes ameaças, equipes de campo para negociação e mediação, reconhecimento biométrico e inúmeras outras capacidades relevantes sob o ponto de vista estratégico. A relevância dessas capacidades muda com o passar do tempo — algumas antes estrategicamente relevantes agora deixam de ser, enquanto surgem outras. A chave é a criação de uma capacidade interagências para adquirir e aplicar rapidamente técnicas e tecnologias em situação de mudança constante.

5. Desenvolver capacidade para guerra de informações estratégicas: a Al Qaeda tem grande capacidade de explorar ações múltiplas e diferentes realizadas por indivíduos e grupos, enquadrando-as em um discurso de propaganda para manipular



David Guttenfelder/©AP Images
Soldado da guarda nacional dos EUA trabalha com policial iraquiano na Unidade Principal de Combate ao Crime na parte ocidental de Bagdá.

o público local e global. A Al Qaeda mantém uma rede para coletar informações sobre o debate no Ocidente e as repassa a seus líderes, junto com uma análise da eficácia da propaganda da Al Qaeda. Eles usam operações físicas (bombardeios, atividade de insurgência e decapitações) como material de apoio para uma campanha integrada de "propaganda armada". A parte de "informação" da operação da Al Qaeda é primária; as operações físicas são meramente o instrumento para alcançar um resultado propagandístico. O Taleban, o GSPC (anteriormente Grupo Salafista para a Predicação e o Combate, conhecido agora como a Al Qaeda no Maghreb Islâmico) e alguns outros grupos alinhados com a Al Qaeda, bem como o Hezbollah, adotam abordagens semelhantes.

Compare isso com nossa abordagem: normalmente planejamos primeiro as operações físicas, em seguida elaboramos operações de informação de apoio para explicar nossas ações. É o contrário da abordagem da Al Qaeda. Devido ao nosso profissionalismo, em comparação com o do inimigo, nossa informação pública é uma reflexão. Em termos militares, para a Al Qaeda as informações são o "esforço principal"; para nós, as informações constituem um "esforço de apoio". Como já mencionado, há 1,68 milhão de pessoas nas forças armadas dos EUA, e o que elas fazem é mais expressivo do que o que dizem os nossos profissionais de informação pública (contados em centenas). Portanto, para combater a propaganda extremista, precisamos da capacidade de guerra de informações estratégicas

— uma função de integração reunindo todos os componentes do que falamos e fazemos para enviar mensagens estratégicas que apoiem nossa política geral.

No momento, os militares têm uma doutrina de operações de informação bem elaborada, mas outras agências não têm e muitas vezes desconfiam com razão dos métodos militares. A militarização das operações de informação seria um erro grave que confundiria a parte (operações militares) com o todo (estratégia nacional dos EUA) e, assim, minaria nossa política geral. A falta de uma doutrina geral do governo e da capacidade de combater em uma guerra de informações estratégicas limita nossa eficiência e cria mensagens dissonantes, em que diferentes componentes do governo dos EUA enviam diferentes mensagens ou trabalham para diferentes agendas de informação.

Necessitamos de um esforço interagências, com liderança do alto escalão nos braços executivos e legislativos do governo para criar capacidades, organizações e doutrina para uma campanha de informações estratégicas em âmbito nacional. Construir essa capacidade é talvez o mais importante de nossos muitos desafios nesta nova era de conflito orientado por informações.

Conclusões preliminares

Essas noções — novo léxico, estratégia global, capacidade equilibrada, serviços estratégicos e guerra de informações estratégicas — são idéias meramente especulativas que sugerem o que poderia surgir de um esforço abrangente para encontrar novos paradigmas para esta nova era de conflito. Idéias diferentes podem muito bem surgir desse esforço e, em qualquer caso, mudanças rápidas no ambiente devido à adaptação do inimigo exigirão inovação constante. Mas está bem claro que nossos paradigmas tradicionais de guerra industrial entre nações, diplomacia voltada para as elites e inteligência concentrada no Estado não podem mais explicar o ambiente ou fornecer as chaves conceituais para vencer as ameaças atuais.

A Guerra Fria é uma analogia limitada ao conflito atual: há muitas diferenças entre as ameaças de hoje e as da era da Guerra Fria. Ainda assim, pelo menos uma dimensão, a do tempo, e as tendências duradouras que impulsionam a confrontação atual podem significar que o conflito acabará lembrando a Guerra Fria, que durou cerca de 75 anos entre a Revolução Russa de 1917 e o colapso da União Soviética em dezembro de 1991. Muitas das suas conseqüências — especialmente os "conflitos herdados" decorrentes da guerra entre União Soviética e Afeganistão — ainda permanecem entre nós. Mesmo se essa confrontação tiver somente metade da duração da Guerra Fria, estamos apenas

no início de um longo caminho, queiramos ou não reconhecer isso.

As novas ameaças, que contrariam a sabedoria comum em tantas questões, podem indicar que estamos no limiar de uma nova era de conflito. Encontrar idéias novas para entender e derrotar essas ameaças pode vir a ser o desafio mais importante enfrentado por nós. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Notas Finais

1. Veja Rupert Smith, *The Utility of Force: The Art of War in the Modern World* [A Utilidade da Força: a Arte da Guerra no Mundo Moderno] (Nova York: Alfred A. Knopf, 2007), especialmente pp. 3-28 e 269-335.

2. Veja Gerald K. Haines e Robert E. Leggett, *Watching the Bear: Essays on CIA's Analysis of the Soviet Union* [Observando o Urso: Ensaio sobre Análises da CIA sobre a União Soviética] (Washington, D.C.: Agência Central de Inteligência, Centro para o Estudo da Inteligência, 2003), especialmente os capítulos VI e VII.

3. Veja Kevin M. Woods et. al, *Iraqi Perspectives Project: A View of Operation Iraqi Freedom from Saddam's Senior Leadership* [Projeto Perspectivas para o Iraque: Visão da Operação Liberdade do Iraque a Partir da Alta Liderança de Saddam] (Comando das Forças Conjuntas, Centro Conjunto de Análises Operacionais), p. 92.

4. Comissão de Inteligência e Segurança, *Report Into the London Terrorist Attacks on 7 July 2005* [Relatório sobre os Atentados Terroristas de Londres em 7 de julho de 2005] (Londres: The Stationary Office, maio de 2006), p. 12.

5. Veja David Kilcullen, "Countering Global Insurgency" [Combate à Insurgência Global], *Small Wars Journal* (novembro de 2004) e disponível em <http://www.smallwarsjournal.com/documents/kilcullen.pdf>; Williamson Murray (org.), *Strategic Challenges for Counterinsurgency and the Global War on Terrorism* [Desafios Estratégicos da Contra-Insurgência e da Guerra Global contra o Terrorismo] (Carlisle, PA: Instituto de Estudos Estratégicos, 2006); e Bruce Hoffman, "From War on Terror to Global Counterinsurgency" [Da Guerra ao Terror à Contra-Insurgência Global], *História Atual* (dezembro de 2006): pp. 423-429.

6. Professor Michael Vlahos, Laboratório de Física Aplicada da Universidade Johns Hopkins, comunicação pessoal, dezembro de 2006.

7. Sou grato a Steve Eames por essa fórmula conceitual.

8. Compilado dos números do Instituto Nacional de Estudos Estratégicos, *Balanco Militar* de 2007, pp. 15-50.

9. Compilado do Departamento de Estado dos EUA e da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, *Justificativa do Orçamento do Congresso*, de 2007, tabela 9.

10. O Exército dos EUA sozinho emprega bem mais de 5 mil músicos de banda, de acordo com um anúncio de emprego de março de 2007; veja <http://bands.army.mil/jobs/default.asp>.

11. Departamento de Defesa, *Relatório da Revisão Quadrienal da Defesa* de 2006 (2 de fevereiro de 2006): pp. 83-91.

12. Veja Max Boot, Depoimento ao Congresso perante a Comissão de Serviços Armados da Câmara, 29 de junho de 2006, em http://www.globalsecurity.org/military/library/congress/2006_br/060629-boot.pdf.

13. Veja Agência Central de Inteligência, O Escritório de Serviços Estratégicos: A Primeira Agência de Inteligência dos Estados Unidos em <https://www.cia.gov/cia/publications/oss/index.htm>.

14. As sete missões-padrão das SOFs são Ação Direta (DA), Reconhecimento Especial (SR), Guerra Não Convencional (UW), Defesa Interna Estrangeira (FID), Contraterrorismo (CT), Operações Psicológicas

Avaliação Estratégica do Progresso Contra Ameaça Terrorista

Coordenadoria de Contraterrorismo do Departamento de Estado dos EUA

A legislação americana exige que o secretário de Estado forneça anualmente ao Congresso um relatório completo e abrangente sobre terrorismo. O artigo a seguir foi tirado dos Relatórios sobre Terrorismo por País 2006 do Departamento de Estado dos EUA, divulgados em abril de 2007

Cinco anos após os ataques de 11 de setembro de 2001, o conflito entre a comunidade internacional e os terroristas transnacionais continua. Esforços de cooperação internacional produziram verdadeiras melhoras na área da segurança — maior segurança nas fronteiras e nos transportes, documentos mais seguros, interrupção dos esquemas de financiamento ao terrorismo e limitação da movimentação de terroristas. A comunidade internacional também obteve sucesso significativo no desmantelamento de organizações terroristas e suas lideranças. Isso contribuiu para reduzir a capacidade operacional dos terroristas, bem como para a detenção ou morte de muitos de seus principais líderes.

Ao compartilhar informações e coordenar os trabalhos com nossos parceiros e aliados do mundo todo, criamos um ambiente menos permissivo para os terroristas, o que manteve seus líderes em constante movimento ou escondidos e afetou sua capacidade de planejar e organizar atentados. Canadá, Austrália, Reino Unido, Arábia Saudita, Turquia, Paquistão, Afeganistão e muitos outros parceiros tiveram participação importante nesse sucesso, ao reconhecer que o terrorismo representa uma ameaça para toda a comunidade internacional.

Por meio da Iniciativa Estratégica Regional, o Departamento de Estado está trabalhando com embaixadores e representantes de várias agências em importantes palcos de operação terrorista para avaliar a ameaça e elaborar estratégias, planos de ação e recomendações políticas em sistema de colaboração. Estamos conseguindo organizar respostas regionais aos terroristas que operam em espaços sem governo ou além das

fronteiras nacionais. Essa iniciativa melhorou a coordenação entre as agências do governo americano; aumentou a cooperação com e entre parceiros regionais; e aperfeiçoou o planejamento estratégico e a priorização, o que nos permitiu usar todas as ferramentas da diplomacia para estabelecer medidas de longo prazo para marginalizar os terroristas.

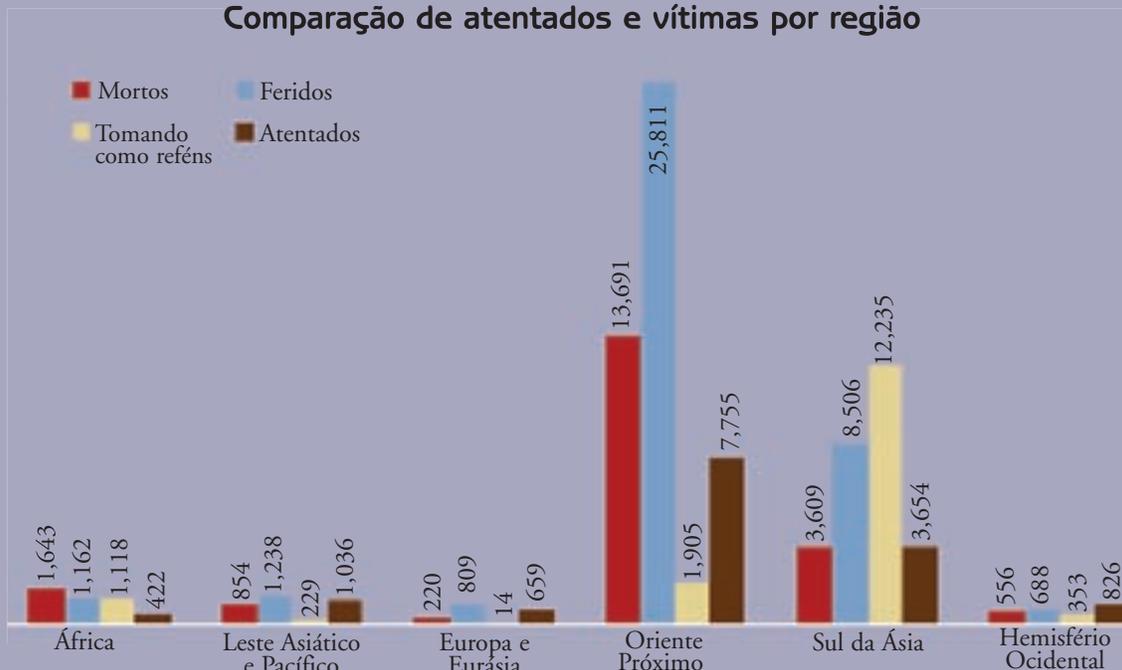
Os desafios continuam

Apesar do progresso inegável, ainda restam grandes desafios. Vários Estados continuam a patrocinar o terrorismo. O Irã ainda é o principal patrocinador do terrorismo e continua a ameaçar seus vizinhos e a desestabilizar o Iraque com o fornecimento de armas, treinamento, assessoria e financiamento a militantes xiitas iraquianos selecionados. A Síria, tanto diretamente quanto em coordenação com o Hezbollah, tenta enfraquecer o governo eleito do Líbano e reverter o avanço da democratização no Oriente Médio. A Síria também apóia alguns militantes e baathistas iraquianos e continua permitindo o trânsito de combatentes e terroristas estrangeiros para o Iraque através de suas fronteiras.

A intervenção internacional no Iraque trouxe benefícios mensuráveis. Ela depôs um regime totalitário abusivo que patrocinava e apoiava o terrorismo regional e possibilitou o surgimento de um novo processo político democrático. Entretanto, também foi usada pelos terroristas como um apelo à radicalização e ao extremismo, contribuindo para a instabilidade nos países vizinhos.

O Afeganistão continua ameaçado por insurgentes do Taleban e religiosos extremistas, alguns dos quais são ligados à Al Qaeda e a patrocinadores de fora do país. No Afeganistão, o apoio do público ao governo continua grande, as instituições nacionais estão se fortalecendo e a maioria do povo acredita que está melhor agora do que sob o Taleban. Mas, para derrubar a ameaça ressurgente, a comunidade internacional deve prestar a assistência prometida e trabalhar com o povo afegão a fim de criar capacidade de combater

Figura 1
Comparação de atentados e vítimas por região



Este relatório é baseado em relatórios abertos e utiliza, nos Estados Unidos, a definição legal de terrorismo: "violência premeditada, de motivação política, perpetrada contra alvos civis por grupos subnacionais de agentes clandestinos".

Fonte: Relatório de Incidentes Terroristas do Centro Nacional de Contraterrorismo - 2006.

insurgências, garantir governança legítima e efetiva e cessar a onda de cultivo de narcóticos.

O conflito israelo-palestino continua sendo uma fonte de motivação terrorista. A realização de eleições diretas nos Territórios Palestinos foi um bom sinal de democratização, mas a subsequente recusa do Hamas de repudiar o terrorismo ou de aceitar o direito, internacionalmente aceito, de existência de Israel enfraqueceu o impacto das eleições. A atividade terrorista originada nos Territórios Palestinos continua a ser um importante fator desestabilizador e motivo de preocupação.

A guerra no Líbano entre Israel e o Hezbollah, no verão, foi um excelente exemplo de como as tentativas do Hezbollah de manipular ressentimentos antigos ao longo da fronteira entre Israel e Líbano podem transformar-se rapidamente em guerra aberta. O conflito forçou a comunidade internacional, mais uma vez, a exigir o desarmamento completo do Hezbollah na Resolução 1701 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (UNSCR) e gerou novo compromisso internacional de apoiar uma democracia pacífica, estável e multissetorial no

Líbano. Mesmo assim o Hezbollah, organização terrorista estrangeira, em combinação com o Irã e a Síria, Estados patrocinadores do terrorismo, continua a solapar o governo eleito do Líbano, ameaçando seriamente a segurança no Oriente Médio.

A Al Qaeda e seus afiliados, após o nosso sucesso em enfraquecer sua capacidade operacional, passaram a concentrar mais atenção e recursos na propaganda e nas tentativas de desinformação. Eles exploram e interpretam as ações de muitos atores locais pseudo-independentes, usando-as para mobilizar correligionários e simpatizantes, intimidar adversários e influenciar a opinião internacional. Os terroristas consideram as operações de informação a parte principal de seu esforço. A comunidade internacional ainda tem de reunir recursos coordenados e efetivos para combater a propaganda extremista.

De modo geral, a Al Qaeda e sua imoral confederação de movimentos afiliados continuam sendo a ameaça mais imediata à segurança dos Estados Unidos e um problema de segurança significativo para a comunidade internacional.

Principais tendências da Al Qaeda

Ataques terroristas isolados, como o atentado à bomba à mesquita de Askariya em Samarra, Iraque, em 22 de fevereiro de 2006, que disseminou a violência sectária e mudou o caráter da guerra no Iraque, podem desencadear conflitos maiores ou servir de modelo para novos atentados. Como o terrorismo é uma questão fundamentalmente política, o significado político dos grandes eventos é essencial para a determinação de respostas satisfatórias. Por isso, as tendências apresentadas nesta seção são interpretativas — dão uma idéia qualitativa de detalhes estatísticos.

A guerra de propaganda terrorista

Conforme identificado nos *Relatórios por País 2005*, o sucesso da comunidade internacional em desestruturar a liderança e a capacidade operacional dos terroristas levou a Al Qaeda a concentrar maiores esforços na desinformação e na propaganda contra o Ocidente. Essa tendência acelerou-se este ano, quando a Al Qaeda cinicamente explorou as insatisfações de grupos locais e tentou mostrar-se como a vanguarda de um movimento global. A Al Qaeda ainda tem alguma capacidade operacional e pretende organizar ataques espetaculares em grande escala, com os Estados Unidos e outros países ocidentais importantes como alvos. No geral, entretanto, a abordagem da Al Qaeda atualmente concentra-se na guerra de propaganda — usando uma combinação de atentados terroristas, insurgência, transmissões da mídia, propaganda na internet e subversão para minar a confiança e a unidade nas populações ocidentais e gerar a falsa percepção de um movimento mundial poderoso.

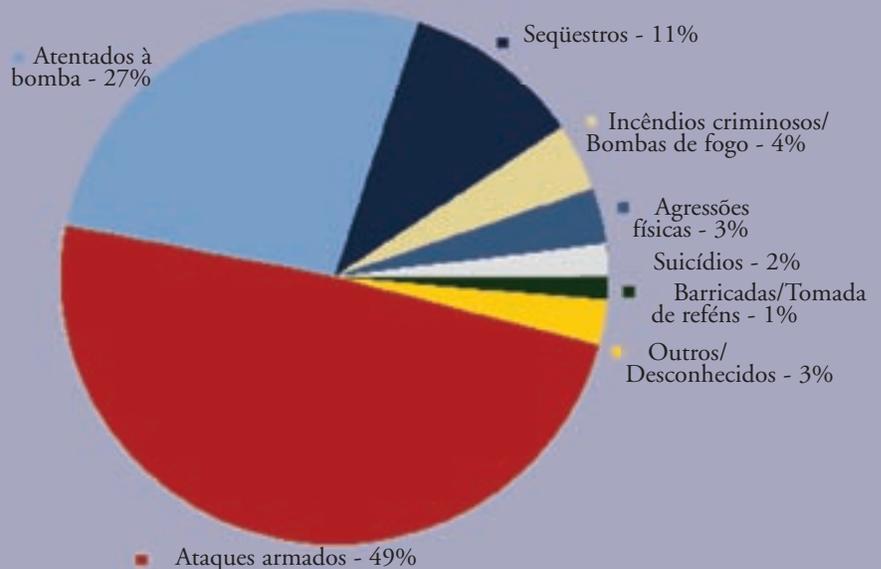
A “esteira transportadora” terrorista

A radicalização de populações de imigrantes, jovens e minorias alienadas na Europa, no Oriente Médio e na África continua. Está ficando cada vez

mais claro, entretanto, que essa radicalização não ocorre por acidente ou porque essas populações têm uma tendência inata ao extremismo. Pelo contrário, há cada vez mais evidências de que terroristas e extremistas manipulam as insatisfações de jovens alienados ou de populações de imigrantes e as exploram cinicamente para subverter a autoridade legítima e gerar tumultos.

Os terroristas procuram manipular as insatisfações dos outros para radicalizá-los, levando-os a praticar atividades ilegais. Isso pode ser representado por uma “esteira transportadora”: os terroristas buscam populações de alienados ou insatisfeitos, convertem essas pessoas em extremistas e, aos poucos, as transformam em simpatizantes, correligionários e, por fim, membros de redes terroristas. Em algumas regiões, a Al Qaeda e outros terroristas tentam explorar a insurgência e o conflito nas comunidades como ferramentas de radicalização e recrutamento, usando principalmente a internet para transmitir sua mensagem. Para combater esses esforços, temos de tratar as populações de imigrantes e de jovens não como uma fonte de ameaça da qual devemos nos defender, mas como um alvo da subversão inimiga a ser protegido e amparado. Também é preciso que os líderes comunitários

Figura 2
Principais métodos usados nos ataques



14.352 atentados em 2006

Some double counting occurred when multiple methods were used. / Houve alguma contagem duplicada quando múltiplos métodos foram usados.

Fonte: Relatório de Incidentes Terroristas do Centro Nacional de Contraterrorismo – 2006

assumam a responsabilidade pelas ações de seus membros e trabalhem para neutralizar a subversão extremista.

Um novo tipo de inimigo

Os eventos mencionados acima ressaltam uma tendência mais profunda: a transformação do terrorismo internacional das formas tradicionais que o Congresso tencionava contemplar quando estabeleceu a série anual de *Relatórios por País* para uma abordagem mais ampla e versátil de guerra não estatal transnacional que lembra uma forma de insurgência global. Entramos em uma nova era de conflito que pode exigir novos paradigmas e respostas diferentes daquelas de eras anteriores.

A Al Qaeda e seus principais líderes formam uma rede de ação global que procura agregar e explorar os efeitos de atores semi-independentes dispersos pelo mundo. Ela se descreve abertamente como um movimento de guerrilha transnacional e aplica estratégias insurgentes clássicas em âmbito global. A Al Qaeda emprega o terrorismo, mas também a subversão, a propaganda e a guerra aberta e busca armas de destruição em massa para infligir o máximo possível de danos aos seus oponentes. Ela envolve e explora uma comunidade maior e mais nebulosa de atores locais, regionais e nacionais que compartilham alguns de seus objetivos, mas que também têm suas próprias agendas locais. Por fim, ela trabalha com paraísos financeiros regionais e internacionais que facilitam suas ações ao mesmo tempo que dificultam as respostas do governo.

Desagregando a ameaça

À medida que consegue ampliar sua constelação de atores extremistas, a Al Qaeda pode começar a promover ataques mais freqüentes em áreas mais extensas. Portanto precisamos agir no sentido de desagregar a ameaça por meio de cooperação internacional, contrapropaganda, contra-subversão e contra-insurgência, além do contraterrorismo tradicional.

A desagregação rompe os elos da cadeia que explora as insatisfações de pessoas comuns e as manipula para transformá-las em terroristas. A desagregação busca oferecer aos radicais um meio de mudar de vida e procura criar alternativas para que os grupos de alienados possam resolver suas insatisfações legítimas sem ter de entrar para a rede terrorista. A desagregação nega à Al Qaeda o seu objetivo primário de conquistar a liderança dos movimentos extremistas no mundo inteiro, unificando-os em um só movimento. Ela não elimina a ameaça, mas ajuda a reduzi-

la a componentes locais menos perigosos que podem ser combatidos pelo trabalho conjunto de governos e comunidades.

Redes confiáveis

Tal cooperação exige a criação de redes confiáveis para deslocar e marginalizar as redes extremistas. Embora sejam fundamentais para combater o terrorismo, a captura e a morte dos principais terroristas também podem ter efeitos prejudiciais. Essas ações não eliminam a ameaça e, se mal praticadas, podem ser bastante contraproduativas. Em vez disso, devemos procurar construir redes confiáveis envolvendo governos, cidadãos e organizações privadas, instituições multilaterais e organizações comerciais que trabalhem em colaboração para derrotar a ameaça do extremismo violento.

Com o tempo, essas redes ajudarão a afastar as populações de risco da manipulação subversiva dos terroristas e a criar mecanismos para atender às necessidades e queixas das pessoas, marginalizando assim os terroristas. Organizações de jovens, redes educacionais, parcerias comerciais, empoderamento das mulheres e iniciativas de desenvolvimento locais podem ajudar, com o apoio do governo.

Líderes, paraísos financeiros e condições subjacentes

Para que essas medidas sejam eficazes, três componentes estratégicos da ameaça terrorista devem ser neutralizados: líderes, paraísos financeiros e condições subjacentes. Os líderes têm função motivadora, mobilizadora e organizadora e atuam como figuras simbólicas. Os paraísos financeiros, em geral áreas sem governo ou mal governadas, representam um ambiente seguro para treinamento, planejamento, apoio financeiro e operacional, bem como uma base para organização de atentados. Podem ser de natureza física ou virtual. Além disso, as condições subjacentes fornecem o combustível, na forma de insatisfações e conflitos, que abastece os processos de radicalização.

Tratar essa nova era de conflito como uma forma de insurgência global significa que os métodos de contra-insurgência são fundamentais para combater a nova forma de terrorismo transnacional. Esses métodos incluem, em primeiro lugar, o foco na proteção e segurança da população e, em segundo lugar, a marginalização política e física dos insurgentes, vencendo o apoio e a cooperação das populações de risco por meio de medidas políticas e desenvolvimentistas

específicas e conduzindo operações especiais precisas, comandadas pela inteligência, para eliminar inimigos cruciais com mínimo dano incidental.

Integração de todos os elementos do poder nacional

Todos os elementos do poder nacional, incluindo os aspectos diplomático, militar, econômico e a inteligência, devem ser integrados e empregados de forma coordenada pelo governo. As dimensões intelectual e psicológica da ameaça são no mínimo tão importantes quanto a dimensão física, portanto as medidas de combate devem ser devidamente coordenadas e financiadas. Desse modo, o componente militar do poder nacional exerce apenas um papel auxiliar nesse esforço; o foco primário é a influência civil.

Como o inimigo é um ator não estatal que faz sucesso entre populações descontentes, os esforços do setor privado são no mínimo tão importantes quanto a atividade do governo. Diplomacia cidadã, atividade cultural, contato pessoal, cooperação, desenvolvimento econômico e aplicação de recursos da mídia e acadêmicos são os principais componentes de nossa resposta à ameaça. Motivar, mobilizar e apoiar essas atividades são as principais tarefas das lideranças no novo cenário.

Compromisso — a chave para o sucesso

A experiência do 11/9 mostra que o principal fator de sucesso no combate ao extremismo violento é o compromisso dos governos de trabalhar uns com os outros, com a comunidade internacional, com organizações do setor privado e com os cidadãos e as populações de imigrantes.

Quando o governo coopera, constrói redes de confiança, procura o apoio ativo e consciente de seu povo, pratica governança responsiva, efetiva e legítima e trabalha em estreita colaboração com a comunidade internacional, a ameaça do terrorismo diminui de forma significativa.

Quando o governo abandona o compromisso de trabalhar com seus vizinhos e de obter o apoio de seu povo, o terrorismo, a instabilidade e o conflito que os terroristas exploram permanecem como grandes fontes de ameaça. ■

O terrorismo em 2006

Fonte: Anexo dos *Relatórios sobre Terrorismo por País 2006* do Centro Nacional de Contraterrorismo dos EUA (números aproximados)

14.352	Atentados terroristas no mundo inteiro
74.545	Civis mortos, feridos ou seqüestrados
20.570	Civis mortos
1.800	Crianças mortas ou feridas
430	Estudantes mortos ou feridos
215	Professores mortos ou feridos
129	Jornalistas mortos ou feridos
8.200	Policiais mortos ou feridos
1.300	Líderes do governo, trabalhadores e guarda-costas mortos ou feridos
15.855	Pessoas seqüestradas
Mais de 50	Por cento de vítimas muçulmanas
9.000	Atentados terroristas com perpetradores não indentificados
300	Grupos identificados como conectados com ataques restantes
19.500	Escolas, empresas, outras estruturas e veículos atingidos
350	Mesquitas visadas e atingidas

Bibliografia

Leituras adicionais sobre terrorismo

Bin Hassan, Muhammad Haniff. "Key Considerations in Counterideological Work Against Terrorist Ideology" [Considerações Importantes sobre o Trabalho Ideológico contra a Ideologia Terrorista]. *Studies in Conflict & Terrorism*, vol. 29, no 6 (setembro de 2006): pp. 561-588.

Bloom, Mia. *Dying to Kill: The Allure of Suicide Terror* [Morrer para Matar: A Sedução do Terrorismo Suicida]. Nova York: Columbia University Press, 2005.

Borum, Randy. *Psychology of Terrorism* [Psicologia do Terrorismo]. Tampa, FL: Universidade do Sul da Flórida, 2004.
<http://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/grants/208552.pdf>

Caryl, Christian. "Why They Do It" [Por Que Eles Fazem Isso]. *The New York Review of Books* (22 de setembro de 2005): p. 28.

Fineman, Mark. "Inside Al Qaeda: A Destructive Devotion" [Por Dentro da Al Qaeda: Uma Devoção Destrutiva]. *Los Angeles Times* (24 de setembro de 2001): p. A1.

Fouda, Yosri e Nick Fielding. *Masterminds of Terror: The Truth Behind the Most Devastating Attack the World Has Ever Seen* [Mestres do Terrorismo: A Verdade por Trás do Atentado mais Devastador Já Visto no Mundo]. Edimburgo, Escócia: Mainstream Publishing, 2003.

Hafez, Mohammed. *Manufacturing Human Bombs: The Making of Palestinian Suicide Bombers* [Produção de Bombas Humanas: A Formação de Terroristas Suicidas Palestinos]. Washington, DC: Instituto da Paz dos EUA, 2006.

Haqqani, Husain e Daniel Kimmage. "The on-line Bios of Iraque's Suicidology" [Biografias On-Line da Suicidologia no Iraque]. *The New Republic* (22 setembro 2005): p. 14.

Hoffman, Bruce. *Inside Terrorism* [Por Dentro do Terrorismo]. Nova York: Columbia University Press, 2006.

Horgan, John. *Psychology of Terrorism* [Psicologia do Terrorismo]. Londres: Routledge, 2005.

Hronick, Michael S. "Analyzing Terror: Researchers Study the Perpetrators and the Effects of Suicide Terrorism" [Análise do Terrorismo: Pesquisadores Estudam Perpetradores e Efeitos do Terrorismo Suicida] *NIJ Journal*, no 254 (julho de 2006): pp. 8-11.
http://www.ojp.usdoj.gov/nij/journals/254/suicide_terrorism.html

Hudson, Rex A. *The Sociology and Psychology of Terrorism: Who Becomes a Terrorist and Why?* [Sociologia e Psicologia do Terrorismo: Quem se Torna Terrorista e Por Quê?]. Washington, DC: Divisão Federal de Pesquisa, Biblioteca do Congresso, 1999.
http://www.loc.gov/rr/frd/pdf-files/Soc_Psych_of_Terrorism.pdf

Kilcullen, David. "Countering Global Insurgency" [Para Combater a Insurgência Global]. Outubro de 2004 (Versão completa para a internet de trabalho publicado posteriormente no *Journal of Strategic Studies*.)
<http://www.smallwarsjournal.com/documents/kilcullen.pdf>

Laqueur, Walter Z. *No End to War: Terrorism in the Twenty-first Century* [Guerra sem Fim: Terrorismo no Século 21]. Nova York: Continuum Books, 2003.

Lelyveld, Joseph. "All Suicide Bombers Are Not Alike" [Terroristas Suicidas Não São Todos Iguais]. *The New York Times Magazine* (28 de outubro de 2001): pp. 48-79.

Martin, Gus. *Understanding Terrorism: Challenges, Perspectives, and Issues* [Para Entender o Terrorismo: Desafios, Perspectivas e Temas Atuais]. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc., 2006.

Miller, Laurence. "Terrorist Mind: I. A Psychological and Political Analysis" [A Mente Terrorista: I. Uma Análise Psicológica e Política]. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, vol. 50, no 2 (abril de 2006): pp. 121-138.

Miller, Laurence. "Terrorist Mind: II. Typologies, Psychopathologies, and Practical Guidelines for Investigation" [A Mente Terrorista: II. Tipologias, Psicopatologias e Diretrizes Práticas para Investigação]. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, vol. 50, no 3 (junho de 2006): pp. 255-268.

Perl, Raphael. "Trends in Terrorism" [Tendências do Terrorismo]. Washington, DC: Serviço de Pesquisa do Congresso, 2006.
<http://www.fas.org/sgp/crs/terror/RL33555.pdf>

Post, Jerrold M. *Leaders and Their Followers in a Dangerous World: The Psychology of Political Behavior* [Líderes e Seguidores em um Mundo Perigoso: Psicologia do Comportamento Político]. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2004.

Post, Jerrold M. "When Hatred Is Bred in the Bone: Psycho-cultural Foundations of Contemporary Terrorism" [Quando o Ódio Está no Sangue: Fundamentos Psicoculturais do Terrorismo Contemporâneo]. *Political Psychology*, vol. 26, no 4 (agosto de 2005): pp. 615-636.

Sageman, Marc. *Understanding Terror Networks* [Para Entender as Redes do Terrorismo]. Filadélfia, PA: University of Pennsylvania Press, 2004.

Stern, Jessica. *Terror in the Name of God: Why Religious Militants Kill*. Nova York: HarperCollins, 2003. Publicado no Brasil com o título: *Terrorismo em Nome de Deus: Por Que Militantes Terroristas Matam*, São Paulo, Editora Barcarolla, 2004.

Weimann, Gabriel. *Terror on the Internet: The New Arena, The New Challenges* [Terrorismo na Internet: Nova Arena, Novos Desafios]. Washington, DC: Instituto da Paz dos Estados Unidos, 2006.

O Departamento de Estado dos EUA não se responsabiliza pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos de outras agências e organizações relacionados acima. Todos os links da internet estavam ativos em maio de 2007.

Recursos na Internet

Recursos on-line para informações sobre terrorismo

GOVERNO DOS EUA

Guarda Aérea Nacional dos EUA: Centro de Estudos sobre Psicologia do Terrorismo Conflict 21

<http://c21.maxwell.af.mil/cts-ref.htm>

O centro identifica idéias inovadoras para pesquisa, levantamento de recursos e mudanças institucionais necessárias para enfrentar os desafios da segurança interna e combater o terrorismo.

Congresso dos EUA: Audiência sobre o Uso da Internet por Terroristas/Jihadistas para Comunicações Estratégicas

<http://intelligence.house.gov/Reports.aspx?Section=134>

Essa audiência mostra como os jihadistas usam a internet de forma eficaz para se comunicarem com desafetos ou jovens muçulmanos moderados.

Departamento de Estado dos EUA: Escritório de Contraterrorismo (S/CT)

<http://www.state.gov/s/ct/>

Esse escritório lidera um esforço mundial para combater o terrorismo, usando todos os instrumentos diplomáticos: diplomacia, poder econômico, inteligência, aplicação da lei e forças armadas. O S/CT oferece supervisão e orientação sobre política externa para todas as atividades dos Estados Unidos de combate ao terrorismo no âmbito internacional e é guiado pela Estratégia de Segurança Nacional dos EUA e a Estratégia Nacional de Combate ao Terrorismo.

Relatórios sobre Terrorismo por País 2006

Relatório anual abrangente do Escritório de Contraterrorismo do Departamento de Estado dos EUA. <http://www.state.gov/s/ct/rls/crt/2006/>

Departamento de Estado dos EUA: Programas de Informações Internacionais: Segurança Internacional: Resposta ao Terrorismo

<http://usinfo.state.gov/topical/pol/terror/>

Esse site oferece links para notícias, revistas eletrônicas, fotos, segmentos de vídeo, documentos, comunicados à imprensa e outros recursos eletrônicos.

Universidade de Defesa Nacional dos EUA: Links para Conscientização da Polícia Militar — Terrorismo: Perfis de Grupos Terroristas

<http://merln.ndu.edu/index.cfm?secID=149&pageID=3&type=section#profiles>

Conjunto de links da Universidade de Defesa Nacional que inclui relatórios governamentais e de grupos de pesquisa sobre ideologias, motivações e líderes terroristas.

ORGANIZAÇÕES DOS EUA

Centro Interdisciplinar de Política, Educação e Pesquisa sobre Terrorismo (CIPERT)

<http://www.cipert.org/>

A missão do CIPERT é promover o entendimento científico das causas e dos efeitos da violência política, especialmente do terrorismo, e traduzir esse entendimento em política, educação e pesquisa eficazes.

Blogue de Contraterrorismo

<http://counterterrorismblog.org/>

Este site apresenta material de ex-autoridades responsáveis pela aplicação da lei e membros do Congresso, assim como links para notícias e relatórios de pesquisas.

Sistema Público de Radiodifusão: Frontline — As Raízes do Terror (manual do professor)

<http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/teach/terror/>

Esse importante programa de TV produziu vários documentários, todos eles relacionados com as raízes do terrorismo e a complexa evolução da política dos EUA e do fundamentalismo islâmico. O Frontline também desenvolveu um detalhado manual do professor para uso com programas cuja meta é atender a diversas necessidades de instrução e ajudar os estudantes a explorar essas intrincadas questões.

Base de Conhecimento sobre Terrorismo

<http://www.tkb.org>

A Base de Conhecimento sobre Terrorismo, uma colaboração do governo, de organizações não-governamentais e centros de pesquisa, abrange a história, as afiliações, as localidades e táticas de grupos terroristas em operação no mundo todo, com mais de 35 anos de dados de incidentes terroristas e centenas de perfis e processos de grupos e líderes.

ORGANIZAÇÕES ACADÊMICAS

Guerra dos EUA contra o Terrorismo: Causas Psicológicas do Terrorismo

<http://www.lib.umich.edu/govdocs/usterror.html#psychter>

O megacentro de documentos da Universidade de Michigan na internet dispõe de informações sobre a política externa e governamental americana relacionada com a guerra dos Estados Unidos contra o terrorismo e suas conseqüências.

Centro de Combate ao Terrorismo em West Point: Bibliografia Comentada de Pesquisas sobre Terrorismo e Contraterrorismo

Volume 1: http://www.ctc.usma.edu/CTC_Bibliography_2004.pdf

Volume 2: http://www.ctc.usma.edu/CTC_Bibliography_2006.pdf

Bibliografia comentada produzida por docente(s) e pesquisadores do Centro de Combate ao Terrorismo que serve como fonte de informações para estudantes, pesquisadores, formuladores de políticas, professores, a mídia e o público em geral.

Escola de Governo Kennedy: Desmantelamento do Terrorismo

<http://www.ksg.harvard.edu/terrorism/>

Esse portal reúne importantes trabalhos acadêmicos, relatórios, livros, artigos assinados e conferências sobre o desmantelamento do terrorismo.

Centro Nacional de Psicologia do Terrorismo (NCPT)

<http://www.terrorismopsychology.org/Default.aspx?tabid=1>

Esse centro defende que psicologia e ciência da psicologia são fundamentais ao entendimento do terrorismo e ao combate de suas conseqüências. No futuro, esse centro unirá forças com o CIPERT.

Consórcio Nacional para o Estudo do Terrorismo e Respostas ao Terrorismo (START)

<http://www.start.umd.edu>

Com base na Universidade de Maryland, o START é incumbido pela diretoria de Ciência e Tecnologia do Departamento de Segurança Interna de usar dados das ciências sociais e comportamentais para aumentar o entendimento sobre origens, dinâmicas e impactos sociais e psicológicos do terrorismo.

ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

Centro de Informações de Defesa (CDI): Projeto sobre Terrorismo

<http://www.cdi.org/program/issue/index.cfm?ProgramID=39&issueid=138>

O Projeto sobre Terrorismo do CDI foi criado para oferecer idéias, análises detalhadas e dados reais sobre as forças armadas e os desafios da política externa relacionados com o terrorismo.

Instituto de Contraterrorismo

<http://www.ict.org.il/>

Esse centro de pesquisas fornece perfis detalhados de organizações terroristas e relatórios resumidos sobre atividades relacionadas com o terrorismo.

Centro Internacional para o Estudo do Terrorismo

<http://www.wun.ac.uk/ctcenter/>

O centro tem como base um conjunto de universidades que usam teorias, métodos, descobertas e perspectivas de uma ampla gama de disciplinas, incluindo psicologia e sociologia, e as aplicam para estudar o terrorismo e desenvolver meios eficazes de responder à sua ameaça.

Instituto de Pesquisa de Mídia do Oriente Médio: Projeto de Monitoração de Sites Islamitas

<http://memri.org/iwmp.html>

O Projeto de Monitoração de Sites Islamitas, que se concentra nos principais sites jihadistas, divulgará com regularidade a tradução de notícias, análises e vídeos desses sites.

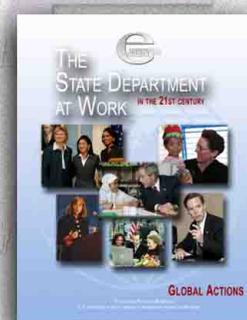
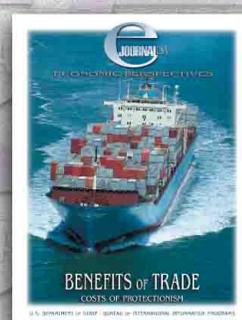
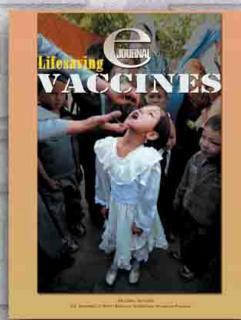
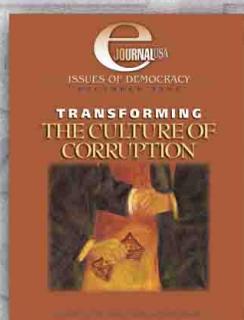
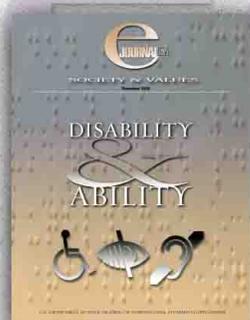
O Departamento de Estado dos EUA não se responsabiliza pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos de outras agências e organizações relacionados acima. Todos os links da internet estavam ativos em maio de 2007



**REVISTA MENSAL
SOBRE OS EUA
EM VÁRIOS
IDIOMAS**

Cinco edições temáticas:

**Perspectivas Econômicas
Agenda de Política Externa
Questões Globais
Questões de Democracia
Sociedade e Valores**



VEJA A RELAÇÃO COMPLETA DOS TÍTULOS EM
<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>